

Insano depois volta atrás pelo twitter

Bolsonaro edita MP

que susta contrato e

salário por 4 meses



AFP
“É um problema sanitário afastar Bolsonaro”, diz o cientista José Eli da Veiga

que pretende Jair Bolsonaro? Chamar mais atenção do que o coronavírus? Parece querer apagar o fogo com gasolina. Ele editou uma medida provisória na noite de domingo (22), que, em seu artigo 18, permitia que contratos de trabalho e salários fossem suspensos por até quatro meses durante o período de calamidade pública. Diante da estrondosa reação do país, anunciou pelo twitter a revogação do art. 18. Para o professor José Eli da Veiga, “é uma questão de emergência nacional aferir a sanidade mental do presidente”. **Pág. 3**



Covas anuncia mais 2 mil leitos no Anhembi e no Pacaembu

O prefeito da cidade de São Paulo, Bruno Covas, anunciou a instalação de dois mil leitos para atender pacientes com coronavírus de baixa complexidade nas estruturas do Estádio do Pacaembu e no Complexo do Anhembi. **Página 4**

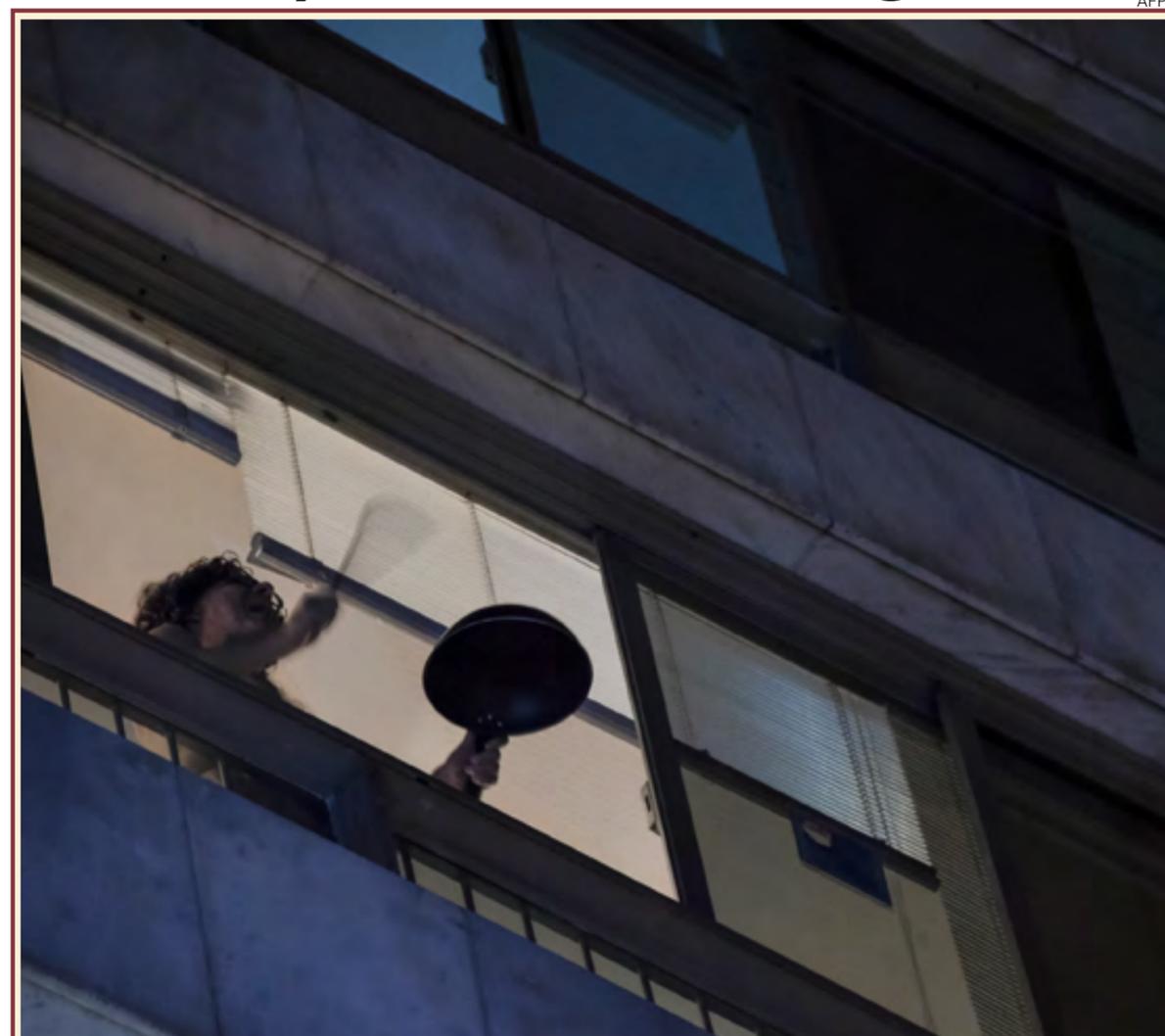
Inglaterra muda ao ver que sem testes massivos 250 mil ingleses morreriam

A Inglaterra está mudando a estratégia de combate do coronavírus da “mitigação” para a “supressão”, que implica em realizar testes massivos para identificar os doentes assintomáticos. A mudança veio após estudo do Imperial College apontando que, se o modelo não mudasse, mais de 250 mil pessoas iriam morrer, mesmo se o sistema de saúde puder atender a todos os pacientes. A “supressão” foi o modelo adotado pela China. **Página 7**

Rodrigo Maia se desculpa com a China por fala estúpida do 03

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), pediu desculpas à China na madrugada da quinta-feira (19), “em nome da Câmara dos Deputados”, pela afirmação irresponsável do deputado Eduardo Bolsonaro, que agrediu o país asiático dizendo que eles eram responsáveis pela disseminação do coronavírus pelo mundo. **Pág. 3**

“É hora de Bolsonaro brigar contra o vírus, não com os governadores”



Panelas aconselham: “Pare de dizer besteiras, Bolsonaro!”

Os brasileiros estão perdendo a paciência com a atitude de Bolsonaro diante da crise do coronavírus e com as besteiras que ele tem dito sobre o assunto. Tudo começou na terça-feira, dia 17, quando

Bolsonaro passou a falar em rede nacional. O povo resolveu dar o recado na janela, espontaneamente. Quem ouvia pegava a sua panela, mandava a imagem pelo celular, em pouco tempo, como rastilho

de pólvora, o panelaço virou nacional. E vem acompanhado de um “Fora Bolsonaro!”. Já são seis dias de protestos contra a irresponsabilidade criminosa daquele que insiste em chamar a Covid-19 de

“gripezinha”, mesmo com um cenário apontando para milhares de mortos. No sábado, vários cartazes na rede social chamavam para um “chá de panela”, já que era aniversário de Bolsonaro. **Página 4**

Reprodução
“A atuação dos governos estaduais em proteção à saúde da população está amparada pela Constituição

Federal e por leis federais. Medida provisória editada por Bolsonaro não muda essa realidade jurídica. Só é mais um problema político, aliás desnecessário”, disse o governador Flávio Dino (PCdoB) na rede social. Na noite de sexta-feira (20) Bolsonaro editou decretos e uma medida provisória (MP) que visam restringir a ação dos governadores. **Página 3**

Pacote de Guedes só faz a situação piorar, diz Nilson

O economista e professor Nilson Araújo de Souza afirmou, em entrevista ao HP, que as medidas anunciadas pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, para supostamente enfrentar o agravamento da crise na economia e o surgimento da pandemia do coronavírus, são “fake news”, ou seja, são medidas falsas, não resolvem os problemas. “Por um lado ele insiste nas chamadas reformas, que agravam a situação e, por outro, não injeta dinheiro novo na economia”. **Página 2**



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

“Proposta de cortar salário é criminosa”, dizem centrais

Desastre na economia e coronavírus jogam o Brasil na recessão

Governo reduz crescimento para 0,02%. FGV prevê queda de 4,4% do PIB em 2020

O governo Bolsonaro derrubou para ZERO a expectativa de crescimento da economia em 2020. A estimativa oficial, que era de avanço de 2,1%, foi revista, passados 10 dias, para 0,02%.

A precisão na estimativa do PIB de 0,02% chega a ser risível, se não fosse trágica. Com a economia estagnada e o avanço do coronavírus ninguém sabe como tudo isso vai terminar, principalmente quando se tem na presidência da República Bolsonaro, que trata a pandemia como “uma gripezinha”. E um ministro, que para destruir o país com suas “reformas estruturantes”, chega a afirmar que após o pior PIB dos últimos três anos “estávamos em pleno voo, começando a decolar”, “em plena reacceleração do crescimento”.

Para uma economia que estava “em pleno voo”, como fantasiou o ministro da Economia, Paulo Guedes, em entrevista ao lado de Bolsonaro, as medidas anunciadas pelo governo jogam mais lenha na fogueira da crise econômica, assim como impedem o próprio enfrentamento do coronavírus.

A pandemia do coronavírus já paralisa por completo a atividade econômica do país, mas o vírus chegou ao Brasil com a economia já doente e, portanto, incapaz de enfrentar a crise. Além de o resultado do PIB (Produto Interno Bruto) do ano passado registrar apenas 1,1%, o Covid-19 se alastra em uma situação em que a informalidade é recorde entre os trabalhadores e em que o governo não abre mão do arrocho fiscal, que retira recursos da povo para transferir a bancos.

O anúncio da revisão de crescimento do PIB foi feito pelo Ministério da Economia na sexta-feira (20). Uma semana antes, com o coronavírus já ameaçando os lares brasileiros, o ministério sinalizava que ia fazer um novo bloqueio no Orçamento da União. Segundo Guedes, o bloqueio seria de R\$ 40 bilhões, ou seja, menos recursos para saúde, educação, segurança pública, ciência e tecnologia, etc, etc.

O secretário de Política Econômica do ministério, Adolfo Sachsida, encarregado do anúncio, disse que um estado de recessão “já está sendo previsto”. “Existe uma boa chance de termos um PIB não muito favorável no primeiro trimestre e uma redução significativa no segundo trimestre”, declarou – o que caracterizaria recessão técnica, determinada por dois trimestres seguidos de resultados negativos. “A última vez que o mundo viu algo parecido foi há cem anos atrás, na gripe espanhola. Tivemos seis ‘circuit breakers’ [parada na Bolsa de Valores] em um único mês”, disse Sachsida.

Sob pressão da sociedade, que exige o fim do teto de gastos e mais investimentos públicos para enfrentar o coronavírus, o governo, à revelia de Bolsonaro e Guedes, enviou ao Congresso o decreto declarando estado de calamidade pública, que permite gastos emergenciais para fazer frente à crise, impedindo assim o bloqueio dos R\$ 40 bilhões almejado por Guedes.

As medidas tardias e insuficientes anunciadas por Paulo Guedes foram avaliadas por economistas como descoladas da realidade.

Além de antecipar recursos do próprio trabalhador, como o 13º salário do aposentado, o abono salarial e o FGTS, Guedes lançou o “voucher” temporário de R\$ 200 por mês para os trabalhadores informais, considerado “desumano” pelo professor de economia da UnB José Luís Oreiro. “Pensa num informal que ganha na faixa de R\$ 1,7 mil a R\$ 2 mil por mês. Esse cara, com as restrições (recomendadas para evitar o contágio da Covid-19), vai ter renda zero. Aí o governo vai dar R\$ 200 pro cara? É desumano”.

Sem injetar nenhum dinheiro novo para enfrentar a crise, Guedes ao invés de tentar reduzir os efeitos da crise sobre emprego e renda quer jogar o ônus da crise nas costas dos trabalhadores, através da medida que autoriza empresas a cortarem em até 50% a jornada de trabalho e o salário dos seus funcionários. Aliás, é a essência da PEC Emergencial, reduzir salários e jornada dos servidores públicos, que ele insiste que seja aprovada no Congresso.

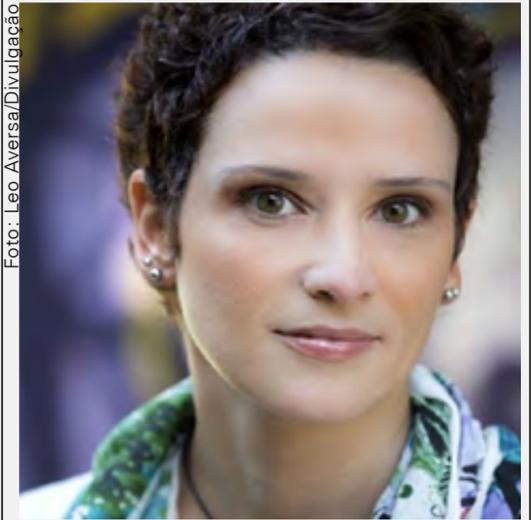
Para o país enfrentar a pandemia do coronavírus e a recessão que se avizinha tem que gastar e muito, como defendem políticos e economistas de diversas ideologias, evitando assim a morte de milhares de brasileiros, o aumento do desemprego que já atinge milhões de trabalhadores e a falência de pequenas e médias indústrias e empresas pelo país afora. “É preciso aumentar os investimentos públicos e fortalecer o mercado interno com o fortalecimento do poder de compra do trabalhador”, afirma o economista Nilson Araújo de Souza, para quem as medidas de Guedes só pioram a crise (Ver matéria ao lado).

A Fundação Getúlio Vargas prevê que o PIB em 2020 poderá desabar -4,4%, caso as medidas efetivas do Estado não sejam tomadas para enfrentar o coronavírus.

Pacote de Guedes só piora a situação, afirma economista



Nilson: nenhum recurso novo na economia



Economista propõe revisão do teto de gastos

Monica de Bolle defende deixar reformas de lado

A economista Monica de Bolle, pesquisadora sênior do Peterson Institute for International Economics (PIIE), defende a adoção de medidas de curto prazo, como investimentos públicos e a revisão do teto de gastos, para o enfrentamento da crise econômica agravada pela pandemia do coronavírus.

Em entrevista à Agência Pública, ela criticou o ministro da Economia, Paulo Guedes, por apresentar medidas que se baseiam nas reformas que tramitam no Congresso Nacional, medidas que para alguns economistas vão agravar a crise.

Segundo Monica de Bolle, a atual crise não tem precedentes na história das crises recentes. “Não temos como comparar isso que está acontecendo com o cenário, por exemplo, de 2008. São crises de natureza muito diferentes. Em 2008, foi uma crise de natureza financeira. Uma crise causada por uma epidemia, ou seja, quando você junta uma crise econômica com uma crise de saúde é algo inédito”, afirma.

Defensora das reformas neoliberais, Monica Bolle no entanto afirma que o Brasil precisa reaver as prioridades de política econômica neste momento e deixar as reformas de médio prazo de lado por um tempo. “Temos que parar para pensar no que pode ser feito dentro das restrições que o país tem para evitar o pior cenário”.

“O debate não pode mais ser reforma de médio prazo, mas o que a gente vai fazer para enfrentar uma situação absolutamente inédita, que outros países avançados estão tendo dificuldades em enfrentar. Minha proposta é que o país aja na área de investimento público, sobretudo em infraestrutura. O investimento público no Brasil desabou e é uma área fundamental para movimentar a economia”, afirmou.

“O governo teria que sentar e delinear essa estratégia para começar hoje um programa de investimentos

públicos para tentar conter a situação que vem por aí. Isso pode exigir que o teto de gastos seja modificado ou até deixado de lado por um tempo dentro do possível? Sim. Sei que não cumprir o teto é crime de responsabilidade, mas estamos falando de uma situação excepcional, o que a maior parte dos economistas do Brasil não conseguem entender”.

Ele ressalta a situação de fragilidade da economia brasileira “de crescimento muito baixo, uma taxa de desemprego muito alta e um mercado de trabalho muito fragilizado”.

“Centenas de milhões de pessoas vão depender do SUS, que é um bom sistema de saúde, mas não tem capacidade de absorver o tipo de dano que essa doença pode causar, haja visto o colapso no norte da Itália, uma região desenvolvida, onde há bons hospitais e o sistema de saúde é público. O Brasil tem uma vulnerabilidade da população extrema comparado a outros países, um percentual considerável de idosos, muitos dos quais sem amparo nas redes de proteção social. É uma situação de quase tempestade perfeita para que uma doença como essa, sem a devida resposta das autoridades brasileiras, gere uma destruição imensa de vidas, de sistema de saúde e da economia”, enfatizou. “Eu fico espantada com como as pessoas no Brasil estão cegas para o que está se passando e para o que pode vir pela frente”.

Para ela, a revisão do teto de gastos “é uma questão fundamental pela qual deveria estar passando o debate econômico no Brasil e onde deveria estar a cabeça das autoridades. Infelizmente, não é o que estamos vendo”.

“Quem diz que não pode mexer no teto de gastos fala isso sem embasamento econômico algum, mas essencialmente, com embasamento ideológico. Quem diz que o governo não pode gastar, fala isso puramente com o embasamento ideológico”.

Para o professor Nilson Araújo de Souza, “Guedes insiste que deve resolver o problema realizando as chamadas reformas. Até os neoliberais mais convencidos já estão dizendo que para enfrentar a crise são necessárias medidas de outro tipo”

O economista e professor Nilson Araújo de Souza, autor de diversos livros, entre eles, *Economia Brasileira Contemporânea e Ascensão e queda do Império Americano*, afirmou na terça-feira (17), em entrevista ao HP, que as medidas anunciadas nesse mesmo dia pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, para supostamente enfrentar o agravamento da crise na economia e o surgimento da pandemia do coronavírus, são “fake news”, ou seja, não resolvem os problemas. “Por um lado ele insiste nas chamadas reformas, que agravam a situação e, por outro, não injeta dinheiro novo na economia”.

Nilson Araújo defende um programa de emergência verdadeiro, e não a fake news de Guedes, que ponha dinheiro novo na economia e enfrente o colapso momentâneo provocado pelas circunstâncias atuais e pelas medidas necessárias ao combate do impacto da epidemia, e que aponte para a retomada dos investimentos públicos e a ampliação do mercado interno.

HORA DO POVO - Como você está vendo a situação econômica do país depois da chegada do coronavírus?

NILSON ARAÚJO - Quando chegou aqui o coronavírus, a situação do país já não estava muito bem, conforme demonstrei em duas entrevistas anteriores à Hora do Povo. Estava havendo forte desvalorização do real, o dólar se valorizando cada vez mais e uma fuga muito grande de moeda estadunidense. Já tinha havido uma fuga muito grande no ano passado. Nos dois primeiros meses deste ano, a fuga de dólares acelerou mais ainda. E essa fuga se devia a várias razões. Uma delas é o fato de que estavam se deteriorando as contas externas. Estava reduzindo o superávit comercial e aumentando o déficit em transações correntes, que é a soma do saldo comercial com o saldo na área financeira, remessa de lucros, remessa de juros, etc. Estavam em deterioração as contas externas. Isso leva os capitais especulativos a ir embora. Quando eles vão embora, vendem os títulos aqui, as ações na bolsa, compram dólar e levam esse dólar para fora. É exatamente por isso que o dólar se valoriza. Essa era uma das causas.

Uma segunda foi a atitude adotada pelo Banco Central, que tinha como objetivo valorizar o dólar e desvalorizar o real para baratear as empresas brasileiras para quem viesse de fora comprá-las, o capital estrangeiro. Por isso, promoveu a forte redução da taxa de juros, por orientação de Guedes. Era uma maneira de torrar na bacia das almas as empresas brasileiras, tanto estatais como privadas. Mas há uma questão política que é muito forte e que é exatamente a desconfiança dos especuladores de todo o mundo em relação ao governo Bolsonaro. Como se diz, quando não há crise, Bolsonaro cria uma. E isso é a cada dia. Então, são essas três causas da fuga de dólares e, consequentemente, da disparada dessa moeda em relação ao real, mas a questão política passou a ter um peso importante, porque ela já vinha afugentando os capitais, já vinha levando à desvalorização do real e levando à queda das bolsas.

HP - Então a crise não está no coronavírus?

NILSON ARAÚJO: A chegada do coronavírus veio agravar, e muito, essa situação que já existia antes. Inclusive o PIB no ano passado só cresceu 1,1%. No último trimestre do ano, já começaram a aparecer sinais de recessão ou de desaceleração da economia. Tudo indicava que este ano a economia iria crescer no máximo no mesmo patamar dos três anos anteriores. No máximo no patamar de 1%. Então, além do colapso da bolsa de valores, da desvalorização do real, havia também a desaceleração da economia. Tudo isso já estava colocado na situação anterior.

Com a chegada do vírus, essa situação, que já era débil, que já estava fragilizada, entra em colapso. A China que é uma economia planificada teve uma queda violenta da produção industrial no primeiro bimestre deste ano em função do coronavírus. Caiu em torno de 13% a produção industrial. Imaginem aqui no Brasil com um governo que não planeja nada, ao contrário, desplaneja, desplanifica, faz exatamente o contrário da planificação. Exemplificando, uma das primeiras colocações de Bolsonaro acerca do vírus foi de que era uma fantasia. Então, ele estava tratando como se fosse uma fantasia. O que ele fez no domingo, dia 15 de março, depois de ter ficado em isolamento, porque muitos membros da comitiva dele que foram aos EUA estavam infectados? Desceu a rampa do Palácio para se encontrar com seus apoiadores. Ou seja, uma atitude de total irresponsabilidade, inclusive passando por cima da orientação do seu próprio ministro da Saúde, de que se devem evitar aglomerações.

HP - As medidas anunciadas pelo ministro Paulo Guedes são adequadas e suficientes?

NILSON ARAÚJO - Então, o governo estava tratando como uma fantasia. Isso explica a meu ver o caráter das medidas anunciadas na segunda-feira (16), pelo ministro da Economia. Acho que não passa de uma fake news. É mais uma fake news desse governo. Por duas razões. Primeiro, Guedes insiste que deve resolver o problema realizando as chamadas reformas. Isso até os neoliberais mais convencidos já estão dizendo que para enfrentar a crise são necessárias medidas de outro tipo. Não são as reformas. Já foram feitas duas “reformas” importantes, na verdade contra-reformas, que foi a da Previdência e a trabalhista, e eles prometeram que a economia voltaria a crescer. A economia voltou a crescer? Ao contrário, desacelerou e segue em crise. Ele agora vem novamente com a cantilena das reformas. Ameaçou inclusive que, se o Congresso não aprovar, vai contingenciar o orçamento em R\$ 16 bilhões. Pressionou para o Congresso aprovar, por exemplo, a privatização da Eletrobrás. Ele está querendo aproveitar essa situação para privatizar a Eletrobrás. Em que medida a privatização da Eletrobrás vai ajudar a tirar o país da crise? Em nenhum sentido. Ao contrário. Privatização significa desnacionalizar. Com isso, a elevação da remessa de lucro leva recursos para fora e tende a piorar a situação no médio e longo prazo.

Ele disse também que tem que aprovar o pacto federativo. O que é o pacto federativo? É a desvinculação do orçamento dos gastos com saúde e educação. Ou seja, ele quer espremer mais ainda a saúde e a educação, acabando com sua vinculação constitucional e legal, que é o que sustenta de alguma maneira os gastos com saúde e educação. Além disso, há também o que ele chamou de projeto do Mansueto, atual Secretário da Receita Federal, que apresentou um projeto de ajuste fiscal nos estados. Ou seja, apertar a situação dos estados. Então, de um lado, ele fala isso, que tem que fazer essas reformas, que é uma verdadeira fake news porque mudanças desse tipo não levam à retomada do crescimento. De outro, o pacote que ele anuncia de R\$ 147,3 bilhões é outra fake news. Não entra nenhum dinheiro novo. Tem a antecipação de pagamentos para os setores mais vulneráveis em função do vírus, que é basicamente a antecipação do 13º para os aposentados do INSS para abril e maio e antecipação do abono salarial (R\$ 58,8 bilhões). Somando isso com os valores não sacados do PIS/Pasep e mais algumas coisas menores, daria um valor de R\$ 83,4 bilhões. Isso aí não é dinheiro novo. É apenas antecipação de pagamentos que iam ser feitos depois. Pode até aliviar a situação momentânea, mas um alívio muito superficial. Não resolve nada. Além de não ser dinheiro novo, é uma quantia irrisória. Se for

somar o conjunto do pacote de R\$ 147,3 bilhões, representa pouco mais de 2% do PIB. Se fosse dinheiro novo até que ajudaria alguma coisa, mas não é dinheiro novo. É apenas antecipação. E tem outra parte, de R\$ 59,4 bilhões, que é a postergação do pagamento de impostos. Adiantamento por 3 meses do pagamento do FGTS e do Simples Nacional da União, e tem outras coisas menores. O ministro anunciou outra fake News: que iria incorporar um milhão de famílias na bolsa-família, aplicando R\$ 3,1 bilhões. Ora, em seu primeiro ano de governo, Bolsonaro desligou um milhão de famílias desse programa. Está apenas repondo.

Antecipação do 13º dos aposentados e abono salarial e a postergação de alguns impostos. Nem um dos dois grupos significa entrada de recurso novo na economia. Ao contrário, de um lado, antecipação de recursos que entrariam na economia posteriormente e, por outro lado, a prorrogação de pagamentos de impostos que deveriam entrar agora na caixa da União e só vão entrar depois. É uma mitigação do grave problema que vivemos nossos idosos, agravado pela pandemia do vírus. É justo fazer isso, mas tem um efeito irrisório. Não vai resolver o problema do impacto da crise provocado na economia pela chegada do vírus e nem resolver o problema dos idosos. Isso não dá conta da gravidade do problema. O problema, como falei, já existia antes, e se agravou com o coronavírus. Entrou em colapso. O ministro falou que a cada 48 horas irá anunciar medidas novas. Quero saber o que são essas medidas porque o que foi anunciado até agora não ajuda em nada, ou em praticamente nada, dada a gravidade do problema.

HP - Em que sentido você acha que as medidas deveriam apontar?

NILSON ARAÚJO - Eu defendo que, num país como o nosso, da periferia, subdesenvolvido, se façam duas coisas que são decisivas para desenvolver o país. Numa crise como esta, que ninguém sabe direito até onde ela vai, porque tem uma natureza diferente, são duas as principais decisões de política econômica a se adotar. Sempre há outras medidas, mas essas duas devem ser priorizadas. Por um lado, o investimento público, por outro lado fortalecer o mercado interno. Eles dizem que não têm os recursos para isso. Daí porque o ministro Guedes apenas antecipou esses recursos, do 13º e tal. Dinheiro há. O problema é que tem que ir buscá-lo. Por exemplo, quantos bilhões estão sendo destinados à chamada desoneração fiscal? Que basicamente são recursos que beneficiam as grandes empresas, principalmente empresa estrangeiras, que obtêm o lucro maior e mandam lá para fora.

HP - Como, num momento como esse de crise, você vai suspender a desoneração fiscal? Elas geram emprego.

NILSON ARAÚJO - Quando foram feitas as desonerações, no governo Dilma, não gerou emprego algum. As transnacionais aproveitaram-se da desoneração para aumentar seus lucros e enviar para suas matrizes. Essa é uma situação que tem que ser enfrentada. Por outro lado, o imposto sobre o lucro extraordinário das grandes empresas, o imposto sobre a distribuição de dividendos que não se paga. Imposto sobre remessas de lucros e juros. Tem uma série de fontes. A renda do petróleo que, se trabalhar direito o pré-sal, tem uma renda substancial, mesmo com a queda dos preços do petróleo no momento atual, mas que tem uma renda substancial, que pode ser canalizada.

Leia a continuação da entrevista no site do HP: <https://horadopovo.com.br/pacote-de-guedes-e-fake-news-e-sopiora-a-situacao-diz-economista/>

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HP

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



O apresentador Eduardo Oinegué Ernesto Araújo é “idiota” e “inepto”, afirma o Grupo Band em editorial

Para TV Band, ataque do filho de Bolsonaro à China e o endosso do chanceler é uma “provocação”

“Por quanto tempo ainda veremos um idiota ocupar a cadeira de Rio Branco, Afonso Arinos e Santiago Dantas?”

O Grupo Bandeirantes de Comunicação veiculou um editorial no Jornal da Band criticando vigorosamente as atuações deploráveis do ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e do deputado Eduardo Bolsonaro, que acusou o governo chinês de ocultar a contaminação do coronavírus e propagar a doença pelo mundo.

“A provocação desnecessária de um deputado irresponsável, seguida por um chanceler idiotizado, uma espécie de avesso do Barão do Rio Branco, colocou o Brasil em conflito com o seu maior parceiro comercial”, diz o Grupo Band no editorial.

“Por quanto tempo ainda veremos um idiota ocupar a cadeira de Rio Branco, Afonso Arinos e Santiago Dantas?”, questiona.

“Exigir, como ele exigiu”, prossegue, “que o embaixador chinês se retratasse, depois de reagir ao deslumbre do deputado, é uma atitude descabida, que prova a inconsciência de um diplomata despreparado”.

Veja no vídeo: Leia na íntegra: Editorial

A provocação desnecessária de um deputado irresponsável, seguida por um chanceler idiotizado, uma espécie de avesso do Barão do Rio Branco, colocou o Brasil em conflito com o seu maior parceiro comercial.

Pura ineptia! O chefe da diplomacia, que teria como missão zelar pelos interesses do país, torna-se assim um obstáculo – talvez o maior – no caminho de nossas relações com a China.

O lamentável chanceler realiza essa proeza de inverter seu papel numa demonstração clara de que é incapaz de responder pelo cargo que lhe deram.

Exigir, como ele exigiu, que o embaixador chinês se retratasse, depois de reagir ao deslumbre do deputado, é uma atitude descabida, que prova a inconsciência de um diplomata despreparado.

Uma atitude de desprezo pela amizade e respeito do Brasil por um povo que, neste momento, mostra sua tenacidade numa luta eficiente contra o coronavírus.

Exatamente o contrário do que conseguem enxergar o deputado imaturo e o chanceler inepto.

Por quanto tempo ainda veremos um idiota ocupar a cadeira de Rio Branco, Afonso Arinos e Santiago Dantas?

Essa é a opinião do Grupo Bandeirantes de Comunicação.

“Mito” edita MP na calada da noite contra os trabalhadores



Com a medida provisória antitrabalhador, Bolsonaro instaura o caos no país

“É um problema sanitário afastar Bolsonaro”, diz cientista da USP

Na coluna Sustentáculos, da Rádio USP, o professor José Eli da Veiga, do Instituto de Energia e Ambiente da USP opina semanalmente sobre temas ligados à sustentabilidade nacional e mundial.

Mas o comentário da quinta-feira (19) ele diz que é “excepcional” por tratar da sanidade de Bolsonaro, uma questão de cunho “doméstico”, como ele define.

“Sei que o tema não está no escopo desta coluna, até porque a Rádio USP dispõe de outros colegas colunistas da área de Ciência Política que sempre nos trazem análises competentes”, avaliou, antes de expor seu pensamento sobre o “Mito”.

“É uma questão de emergência nacional aferrar a sanidade mental do presidente da República”, diz em seu comentário o professor, em conversa com o apresentador da coluna, o jornalista Antonio Carlos Quinto.

O cientista já publicou 25 livros, entre os

quais *A Desgovernança Mundial da Sustentabilidade* (2013) e *Para Entender o Desenvolvimento Sustentável* (2015). E colaborador das colunas Opinião, do jornal *Valor Econômico*, e *Análise*, da revista *Página 22*.

Leia a íntegra da opinião do professor José Eli da Veiga

“É uma questão que, realmente, a conjuntura nacional obriga [a opinar].

Quero, basicamente, passar o recado de me juntar a várias outras vozes que consideram que os acontecimentos mais recentes exigem que o Ministério Público exija, solicite, que uma junta médica examine o presidente da República para aferir qual que é o grau de sanidade mental que ele está apresentando.

Essa é uma questão de emergência nacional e eu diria até que é mais urgente que qualquer outra – inclusive todas as medidas que nós como sociedade civil temos que coletivamente enfrentar para que essa pandemia

seja, não contida porque ela não será contida, mas que ela produza um mínimo possível de estragos aqui no Brasil.

E não há dúvida que, da lista de motivos que o presidente da República já apresentou para que eventualmente ele seja impossibilitado de continuar, a mais grave, evidentemente, é a total irresponsabilidade em relação a essa emergência colocada por uma questão de saúde.

Então é um problema sanitário afastar o presidente.

Impeachment é uma coisa que demora muito, que é muito complexa, portanto, a saída seria que os que têm alguma responsabilidade, que estão em torno dele, consigam encontrar uma maneira de fazer com que ele se afaste do exercício da Presidência da República.

Muito obrigado.”

A coluna Sustentáculos é na Rádio USP Horário: Quinta às 8h 93,7 FM São Paulo / 107,9 FM Ribeirão

Maia se desculpa com a China por fala irresponsável de Eduardo Bolsonaro

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), pediu desculpas à China na madrugada da quinta-feira (19) pela afirmação irresponsável do deputado Eduardo Bolsonaro, que culpou o país asiático pela disseminação do coronavírus pelo mundo.

“Em nome da Câmara dos Deputados, peço desculpas à China e ao embaixador Wanming Yang pelas palavras irrefletidas do Deputado Eduardo Bolsonaro”, escreveu Maia em sua rede social.

A provocação de Eduardo Bolsonaro foi feita na quarta-feira (18) em rede social. Ele macaqueou Donald Trump e disse que a “culpa” pela crise do coronavírus é da China. “Quem assistiu Chernobyl vai entender o que ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela

chinesa. [...] +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas. [...] A culpa é da China e liberdade seria a solução”, publicou o filho de Bolsonaro.

A embaixada da China respondeu à provocação. “Aconselhamos que não corra para ser o porta-voz dos EUA no Brasil, sob a pena de tropeçar feio”, afirmou a representação diplomática chinesa. “As suas palavras são extremamente irresponsáveis e nos soam familiares. Não deixam de ser uma imitação dos seus queridos amigos. Ao voltar de Miami, contraiu, infelizmente, vírus mental que está infectando a amizade entre os nossos povos”, acrescentou a representação chinesa.

Eduardo Bolsonaro deu essas declarações logo após sua viagem aos EUA. Elas coincidem com as declara-

ções de Trump, revelando um comportamento de serviço do deputado ao governo americano. “Lamentavelmente você é uma pessoa sem visão internacional, nem senso comum, sem conhecer a China, nem o mundo”, destacou a representação diplomática, em sua resposta ao filho do presidente.

A representação diplomática chinesa afirmou que Eduardo Bolsonaro está agindo como funcionário de Trump e fazendo o papel de seu porta-voz. A embaixada também publicou uma série de mensagens do embaixador chinês no Brasil, Yang Wanming, contra as afirmações de Eduardo Bolsonaro. O diplomata afirmou que exigiu que o deputado “retire imediatamente” as palavras e “peça desculpas ao povo chinês”.

Íntegra do texto em www.horadopovo.com.br

Caiado reage a Bolsonaro e mantém restrições em Goiás contra o Covid-19

“Temos a prerrogativa constitucional”, disse o governador

O governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM), afirmou que manterá as restrições para a entrada no estado através de ônibus, avião, táxi ou transporte por aplicativo. “Temos a prerrogativa constitucional”, disse.

Jair Bolsonaro criticou os governadores que estão atuando na contenção do coronavírus. “Os governadores que decretaram quarentena estão extrapolando” e “fazendo um clima de terror”, declarou ele.

Bolsonaro também editou uma Medida Provisória que coloca sob sua responsabilidade a determinação de quarentena, assim como o impedimento de transporte interestadual, para

nenhuma, aquilo que a Constituição Federal me dá como capacidade de legislar”, afirmou.

“Não podemos ser egoístas nesse momento. Eu tenho a responsabilidade de cuidar da saúde de toda a população goiana e cabe a mim, enquanto governador, tomar medidas para proteger nosso povo”, disse através de suas redes sociais.

“Precisamos de um controle maior em nosso território para não sermos surpreendidos por um crescimento rápido da contaminação por coronavírus. Por isso, determinei que seja feita uma triagem e uma campanha”.

Íntegra em www.horadopovo.com.br

Depois, pelas redes sociais, revogou o artigo 18 da MP 927 que suspendia o contrato de trabalho sem salário

Jair Bolsonaro parece querer apagar o fogo com gasolina. Ele editou uma medida provisória, publicada em edição extra do Diário Oficial da União na noite de domingo (22), que, em seu artigo 18, permitia que contratos de trabalho e salários fossem suspensos por até quatro meses durante o período de calamidade pública. Imediatamente, o país inteiro reagiu denunciando que essa medida seria desastrosa.

Além de desumana, ela agravaria a crise ao abrir as portas para a demissão em massa. Pior até do que isso, ela provocaria a demissão sem nenhum direito trabalhista garantido.

A reação e a indignação foram tão fortes que Bolsonaro foi obrigado, menos de 24 horas depois da publicação, a rever o artigo 18 que autorizava a suspensão dos contratos de trabalho sem pagamento de salários.

A insanidade da medida, redigida na madrugada, sem nenhuma articulação política com o Legislativo, explicitou a falta de condições de Bolsonaro fazer frente à situação gravíssima vivida pelo Brasil.

Apresentar uma medida dessas, onde o trabalhador, que está sendo atacado pela pandemia de coronavírus, deixará também de receber salários, só pode ser uma provocação. Certamente os trabalhadores não vão aceitar uma medida que o impedirá de se defender, assim como defender a sua família.

Como prêmio de consolação da MP, Bolsonaro disse que, durante o período em que o trabalhador ficaria sem salário, isto é sem condições de manter sua família e pagar seus compromissos, ele teria direito a um “curso de qualificação profissional não presencial oferecido pelo empregador ou alguma entidade”.

A medida de Bolsonaro deixaria o trabalhador numa situação dramática, sem ter como garantir nem a alimentação de sua família, e, mais do que isso, ela é economicamente um desastre. A contração do consumo, provocada pela demissão em massa que a medida proporcionaria, ajudaria a afundar a economia.

Bolsonaro deixava a critério do empregador a decisão se pagaria ou não alguma coisa ao empregado ao interromper o contrato de

trabalho. Nem os direitos trabalhistas a que o trabalhador pode recorrer no caso de uma demissão, estariam garantidos na MP. É pior do que uma demissão, porque, com ela, a situação é dramática, mas pelo menos ele teria acesso ao seguro desemprego, férias proporcionais e demais encargos trabalhistas. Com a decisão do governo, nem isso tem.

O que será pago e se será pago fica totalmente a critério do empregador. Ou seja, nada. A única coisa que Bolsonaro exigiu das empresas foi a oferta do curso a distância para o desempregado que estará em quarentena e sem dinheiro para comer.

Para surrar ainda mais o trabalhador, Bolsonaro aproveitou-se da crise provocada pela pandemia do Covid-19, para tentar abolir direitos garantidos pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Ele determinava na MP que houvesse negociação entre patrão e empregado, e o que fosse negociado, ficaria acima da legislação.

Ou seja, as leis que protegem o trabalhador ficariam abolidas pela MP de Bolsonaro. O que passaria a valer era a “negociação individual” onde o trabalhador não está nas melhores condições de defender seus direitos. Ela obrigaria o trabalhador a sentar para negociar com a faca no pescoço. Como dizem as Centrais Sindicais, essa medida é um “crime e uma tragédia”.

Cinicamente, o governo federal defendia a proposta, que significa uma abertura de portas para a demissão em massa, como forma de “evitar demissões”. As demissões explodiriam assim que a MP de Bolsonaro entrasse em vigor.

A medida, além de desempregar, foi também mais uma tentativa oportunista de golpe em direitos consagrados dos trabalhadores. Ela restringe a negociação coletiva, onde o trabalhador fica mais fortalecido. Pura e simplesmente, o que Bolsonaro e Guedes queriam era abolir a CLT numa canetada.

O texto na íntegra está em www.horadopovo.com.br https://horadopovo.com.br/bolsonaro-faz-mp-suspendendo-contrato-e-salario-por-4-meses-e-volta-atras/ S. C.

“É hora de Bolsonaro brigar contra o vírus, não com os governadores”, diz Flávio Dino

O governador Flávio Dino (PCDoB) criticou Bolsonaro e suas medidas para atrapalhar a ação dos governadores contra a contaminação do coronavírus.

Na noite de sexta-feira (20) Bolsonaro editou decretos e uma medida provisória (MP) que visam restringir a ação dos governadores.

“A atuação dos governos estaduais em proteção à saúde da população está amparada pela Constituição Federal e por leis federais. Medida provisória editada por Bolsonaro não muda essa realidade jurídica. Só é mais um problema político, aliás desnecessário”, disse Flávio Dino na rede social.

“Infelizmente é uma atitude individual do presidente da República que nós queremos para que mude, porque não queremos fazer disputa política neste momento. Porque temos responsabilidade”, afirmou o governador maranhense em pronunciamento durante entrevista coletiva no sábado (21).

“Não é hora de brigar com a China”, prosseguiu, “não é hora de brigar com os governadores. É hora de brigar contra o vírus. Brigar contra a pandemia. É hora de preservar a saúde das pessoas, cuidar dos profissionais de saúde. Essa é uma atitude patriótica. Essa é uma atitude séria”.

“É é isso que nós estamos esperando que o presidente da

Testes rápidos virão da China, diz Ministério

O Ministério da Saúde anunciou no domingo (22) que os novos teste rápidos para coronavírus chegarão ao Brasil nas próximas semanas.

O secretário de Vigilância em Saúde, Wanderson Oliveira, deu mais detalhes sobre os testes e repetiu que a prioridade dos testes serão os profissionais de saúde. Os testes dão resultados em minutos.

O secretário afirmou que os novos testes são produzidos por uma empresa chinesa e são aprovados por agências reguladoras da China e pela Comissão Europeia, mas ainda não são validados pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

O objetivo é verificar quais desses profissionais que tenham apresentado algum sintoma foram contaminados pelo coronavírus e quais podem retornar ao trabalho.

República passe a adotar daqui para frente, ainda há tempo. É dever dele, dele e só dele. Porque, por mais que nós façamos, não podemos fazer sozinho. E essa é uma solidão muito dura que nós enfrentamos hoje”, continuou Flávio Dino, externado sua irritação em alguns momentos da entrevista.

O chefe do executivo maranhense citou os esforços que os governadores estão fazendo para se coordenarem no combate ao coronavírus, na ausência do governo federal. “Nós estamos, os governadores, lutando para nos coordenarmos em grupos de WhatsApp, em conferências quase que diárias que estamos fazendo exatamente para suprir essa ausência de coordenação nacional que nós esperamos que o presidente da República e toda a sua equipe, não só o ministro da Saúde, assuma a partir desse momento”, declarou.

O governador anunciou que está tomando várias medidas em seu estado. Pelas redes sociais ele informou que editou decreto suspendendo atividades comerciais e serviços não essenciais. “A medida visa reduzir a circulação de pessoas e evitar contaminações com coronavírus. Conto com a colaboração de todos”, disse.

Íntegra do texto em www.horadopovo.com.br

Atualmente os testes para coronavírus podem levar de 15 minutos a 7 dias.

“Por isso, nós temos o uso para o teste rápido muito limitado”, explicou Oliveira. “Ele é um teste para vigilância epidemiológica”.

No sábado (21), ele anunciou que irá distribuir 10 milhões de testes rápidos para os estados para ampliar o número de pacientes testados para o novo coronavírus no país.

Hoje, em razão do número de testes disponíveis, são avaliados apenas os casos considerados graves. Com isso, pacientes com sintomas leves não recebem a confirmação do coronavírus. Com a aquisição dos testes rápidos, a pasta quer aumentar o número de verificação.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

Panels aconselham: “pare de dizer besteiras, presidente”

Os brasileiros estão perdendo a paciência com a inação de Bolsonaro diante da crise do coronavírus e com as besteiras que ele tem dito sobre o assunto.

No sábado, às 20:30h, o país inteiro bateu panela pela terceira vez esta semana contra o seu comportamento e para lembrá-lo que o Covid-19 não é uma “gripezinha”.

Lembraram também que ninguém, nem ele, pode fazer uma festa de aniversário como anunciou que faria.

Várias regiões do país registram painéis contra Bolsonaro. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e Recife também tiveram gritos de “fora, Bolsonaro!”. Durante a semana, também foram registrados painéis contra o presidente na terça-feira e na quarta-feira.

Na capital de São Paulo foram ouvidos painéis nos bairros

da Barra Funda, Bela Vista, Ipiranga, Pompeia, Cambuci, Consolação, Sumaré, Santa Cecília, Vila Buarque, Vila Madalena, Jardins, Pinheiros, Perdizes e Higienópolis. No Rio houve protestos em Botafogo, Ipanema, Tijuca, Humaitá, Lapa, Flamengo, Jardim Botânico, Leme, Copacabana, Lagoa, Grajaú, Méier, Gávea, Complexo do Alemão.

Em Salvador, houve painéis na Federação, Barra, Rio Vermelho, Imbuí, Pituba e Dois de Julho. Os mineiros de Belo Horizonte protestaram em Santo Antônio, Boa Viagem, Castelo, Centro, Lourdes. Em Florianópolis o povo bateu panela em Carvoeira e Itacorubi. O centro de Curitiba também protestou. Na Cidade Baixa de Porto Alegre também houve protestos. E em Recife as painéis bateram em Graças, Jaqueira, Parnamirim, Boa Viagem e Santo Amaro.

Ciro: “MP de Bolsonaro é uma medida selvagem e estúpida”

O ex-governador e ex-ministro Ciro Gomes (PDT-CE) informou que entrará imediatamente com uma ação no Supremo Tribunal Federal contra a Medida Provisória de Jair Bolsonaro autorizando empresas a suspender o contrato de trabalho com funcionários por até quatro meses por causa dos casos de coronavírus no Brasil.

“Uma das coisas mais aberrantes, selvagens, estúpidas sob o ponto de vista técnico, econômico e, mais do que tudo, social. É ilegal, confronta a Constituição Federal”, afirmou Ciro Gomes por vídeo no Twitter.

Veja íntegra da matéria e o vídeo em www.horadopovo.com.br

“Bolsonaro despreza a gravidade da pandemia de forma imoral”

Caso não ampliemos número de leitos, “pobres morrerão nas portas dos hospitais, alertou Miguel Srougi, da USP

O professor da Universidade de São Paulo, Miguel Srougi, criticou a forma como o governo Bolsonaro tem conduzido a crise do coronavírus. Segundo ele, a infraestrutura hospitalar sinaliza que os mais vulneráveis ficarão sem atendimento no pico da pandemia.

“O problema do Brasil está muito claro: existem no governo federal pessoas que estão flertando com as trevas”, afirmou em entrevista ao jornal “O Globo”. Para o médico, Bolsonaro, “de forma incompetente e imoral, menosprezou a gravidade da pandemia”.

Até a manhã desta segunda-feira, as secretarias estaduais de Saúde contabilizam 1.629 infectados em todos os estados do Brasil. Foram registrados 25 mortos no país, 22 deles em São Paulo.

O cirurgião alertou para o risco da falta de leitos quando a curva da epidemia ascender

“Quando um país passa de cem casos, a curva que vinha subindo de forma lenta de repente empina e, a cada dois ou três dias, dobra os números dos casos. Nessas horas isso desorganizou todos estes países do ponto de vista de recursos e de capacidade para atender os doentes. Aqui no Brasil a gente está assistindo a este processo como espectador, no mundo inteiro morrendo gente, todo mundo assustado, e o Brasil otimista”.

Segundo ele, a falta de ação de setores do governo pode prejudicar o combate à pandemia. “O Brasil pôde assistir ao que ocorria na China e na Itália, e perdeu tempo de se preparar, por exemplo, transformando fábricas para fazer respiradores”.

“O problema do Brasil está muito claro: existem no governo federal pessoas que estão flertando com as trevas. O presidente, de forma incompetente e imoral, menosprezou a gravidade da pandemia, julgou que com palavras poderia desviar a atenção popular e impedir uma constatação óbvia: a ruína da assistência médica no Brasil, principalmente a dos mais necessitados. Os grupos mais bem posicionados socialmente vão sobreviver, pois têm mecanismos de defesa mais fortes”.

FALTA DE LEITOS

Miguel considerou que a falta de leitos será o principal gargalo no sistema de saúde. “Há um estudo muito curioso: nos países com mais de 10 leitos hospitalares por mil habitantes, todos tiveram

baixo índice de mortes no coronavírus, coisa de 0,2% a 0,3%. Nos países que têm menos de 4 ou 5 leitos para cada grupo de mil habitantes, todos estão tendo alta mortalidade. Hong Kong tem 14 leitos para cada mil habitantes, o Japão, tem 10 leitos para cada mil habitantes e nestes países não morreu quase ninguém. A Itália tem 3,2 leitos para cada grupo de mil habitantes e foi esse desastre. O Brasil tem 1,95 leitos para cada mil habitantes. Estes números mostram que na hora que chegarmos no pico, não vai ter hospital para colocar este pessoal, não há leitos”, analisou.

“Nos últimos dez anos foram fechados de 40 mil a 50 mil leitos no país do SUS, por falta de recursos”, relembrou.

O professor considerou a iniciativa de criar leitos hospitalares de emergência, como no caso da Prefeitura de São Paulo, que está criando leitos no Estádio do Pacaembu, no Complexo do Anhembi e nos CEUs, como correta. “E a forma que se tem agora de rapidamente melhorar a assistência. Quem vai sofrer mais são os pobres, mais vulneráveis. Eles vão morrer nas portas dos hospitais, não vão conseguir entrar, muito menos receber um tubo para respirar e sobreviver à pneumonia. O pobre vai morrer na calçada”, alertou.

Miguel criticou ainda a política de privatização defendida pelo ministro da Economia de Bolsonaro, Paulo Guedes.

“Na área política vai surgir um consenso claro: só as empresas privadas não conseguem fazer um país progredir. É importante ter um Estado forte também. Estamos vendo isso agora. Estado forte consegue conter esta ameaça à nação e estados que não são fortes não conseguem. Aquela história de entregar tudo para as empresas privadas não dá certo”, disse.

“A grande consequência social é que as pessoas vão aprender que a solidariedade e a compaixão são muito importantes dentro de qualquer sociedade. A gente não pode mais ficar impassível quando um morro despensa e morrem pessoas simples, que não têm capacidade para sobreviver dignamente, que moram nestes locais por absoluta falta de opção. Acho que o coronavírus vai unir a sociedade e deixar as pessoas um pouco mais solidárias e dotadas de compaixão. Agora mesmo os fortes estão ameaçados, os pobres vão morrer mais, mas os ricos também vão morrer”, concluiu.



Reprodução

Projeção de imagem em prédios durante panelaço contra Bolsonaro

Prefeito de S. Paulo anuncia 2.490 novos leitos nos CEUs, Pacaembu e Anhembi

O prefeito da cidade de São Paulo, Bruno Covas, anunciou a instalação de dois mil leitos para atender pacientes com coronavírus de baixa complexidade nas estruturas do Estádio do Pacaembu e no Complexo do Anhembi. A medida visa liberar espaço nos hospitais municipais para que tenham disponibilidade para receber pacientes com casos mais graves do Covid-19.

“Nesses espaços nós podemos fazer o acompanhamento da população que não se encontra em situação de alto risco, mas precisa de uma atenção do poder público”, disse Bruno Covas.

“Estamos na etapa de evitar aglomerações, e nós vamos chegar numa etapa de leitos a serem ocupados na rede pública de SP, então não apenas o município vai dispor de novos leitos de UTI, mas também 2 mil leitos de baixa complexidade reformando o Pacaembu e o Anhembi”, completou.

Dos dois mil leitos, 200 serão implementados no estádio do Paca-



Prefeito Bruno Covas no início da instalação da estrutura provisória no Estádio do Pacaembu

embu, que será adaptado para receber os pacientes. Os outros 1.800 leitos serão no Anhembi.

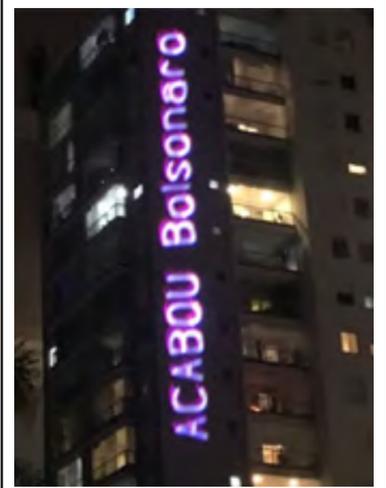
“Vamos adaptar esses dois espaços, um deles cedido pelo novo concessionário do Pacaembu, que estará pronto em duas semanas. Já as 1.800 vagas no Anhembi estarão prontas em até três semanas”, destacou o prefeito Bruno Covas agradecendo a parceria com outros órgãos.

Segundo o secretário municipal de Saúde, Edson Aparecido, “os grandes hospitais de campanha são para abrigar as pessoas que ainda não estão agravadas nos nos-

os hospitais para poder internar as pessoas que precisam das UTIs.”

As vagas nesses locais serão reguladas e disponibilizadas para pessoas que estão sendo atendidas em UBS e em hospitais.

Segundo a Prefeitura, novas estruturas as manas essas também poderão ser montadas em outras regiões da cidade. Na quinta-feira, o prefeito já havia anunciado a instalação de 490 leitos de UTIs nas estruturas dos Centros Educacionais Unificados, os CEUs, que estão localizados nas regiões periféricas e carentes da cidade.



“Pare de dizer besteiras”, aconselham as panelas pelo sexto dia seguido

No domingo (22), pelo sexto dia consecutivo, o Brasil inteiro protestou contra a inação de Bolsonaro frente à crise do coronavírus.

A revolta contra a insanidade do presidente tem justificativa, já que ele ignora a gravidade da situação chamando a epidemia de uma “gripezinha”.

No sábado (21), data de aniversário de Bolsonaro, os brasileiros foram para as janelas repudiar a sua “festinha”. O país inteiro bateu panela contra o seu comportamento e para lembrá-lo que o Covid-19 não é uma “gripezinha”. Lembraram também que ninguém. Nem ele, pode fazer uma festa de aniversário como anunciou que faria.

Os panelaços foram registrados em todas as capitais e principais cidades brasileiras. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e Recife também tiveram gritos de “Fora, Bolsonaro!”.

Na capital de São Paulo foram ouvidos panelaços nos bairros da Barra Funda, Bela Vista, Ipiranga, Pompéia, Cambuci, Consolação, Sumaré, Santa Cecília, Vila Buarque, Vila Madalena, Jardins, Pinheiros, Perdizes e Higienópolis. No Rio, houve protestos em Botafogo, Ipanema, Tijuca, Humaitá, Lapa, Flamengo, Jardim Botânico, Leme, Copacabana, Lagoa, Grajaú, Méier, Gávea, Complexo do Alemão.

Em Salvador, houve panelaço em Federação, Barra, Rio Vermelho, Imbuí, Pituba e Dois de Julho. Os mineiros de Belo Horizonte protestaram em Santo Antônio, Boa Viagem, Castelo, Centro, Lourdes. Em Florianópolis o povo bateu panela em Carvoeira e Itacorubi. O centro de Curitiba também protestou. Na Cidade Baixa de Porto Alegre também houve protestos. E em Recife as panelas bateram em Graças, Jaqueira, Parnamirim, Boa Viagem e Santo Amaro.

A primeira saída da África - Perspectivas

WALTER NEVES
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS - USP

A questão da primeira saída dos hominínios para fora da África é um dos temas mais debatidos na paleoantropologia. Até recentemente, assumia-se que nossos ancestrais teriam deixado aquele continente há não mais que 2 milhões de anos e que o primeiro hominínio a fazê-lo teria sido o Homo erectus. Isso porque as evidências mais antigas de hominínios na Eurásia referem-se ao sítio de Dmanisi, na República da Geórgia, no Cáucaso, datado de 1,8 milhões de anos. Embora, em princípio, os cinco crânios ali encontrados até o momento tenham sido classificados como Homo erectus, há uma grande discussão se de fato esses crânios podem ser classificados como tal. Descobertas na China, publicadas em 2018, datadas, em princípio, por volta de 2,1 milhões de anos, recuaram a saída da África em pelo menos 200 mil anos. Essas datações obtidas na China têm sido, entretanto, contestadas, já que elas foram obtidas por apenas um método de datação: o paleomagnetismo.

Entretanto, pesquisas efetuadas por uma equipe de pesquisadores brasileiros e italianos, das quais fiz parte, no vale do Rio Zarqa, no norte da Jordânia, entre 2013 e 2016, cujos resultados foram publicados em 2019, com grande repercussão no cenário internacional, retrocederam a primeira saída da África em cerca de 600 mil anos. Ferramentas Olduvaienses (a primeira indústria de pedra lascada reconhecidamente fabricada por humanos) foram por nós ali encontradas com datações que variam de 2,5 a 2,0 milhões de anos, fazendo com que as datações de 2,1, encontradas na China, passassem a ser perfeitamente aceitáveis.

Nossa pesquisa no vale do Rio Zarqa (Formação Dawqara) questionou, também, qual teria sido o primeiro hominínio a deixar o continente africano. Como mencionado anteriormente, assumia-se, até então, que esse hominínio teria sido o Homo erectus. Entretanto, essa espécie só surgiu na África a partir de 2,0 milhões de anos. Nossas pesquisas mostram, portanto, que essa espécie não poder ser a primeira a deixar a África. Em outras palavras, o primeiro hominínio a ter deixado a África teria sido o Homo habilis (com datações de até 2,8 milhões de anos no continente africano) e não o erectus. Isso explicaria porque os cinco crânios de Dmanisi apresentam grande variabilidade, sendo alguns similares ao habilis, outros ao erectus. Nossa proposta é que o Homo habilis teria deixado a África por volta de 2,5 milhões de anos, tendo chegado ao Cáucaso por volta de 1,8 milhões de anos, onde teria dado origem ao H. erectus que dali se expandiu por toda a Eurásia, tendo inclusive, retornado ao continente

africano.

Diferentemente das descobertas chinesas, os vestígios arqueológicos por nós encontrados no Vale do Zarqa foram datados por três técnicas distintas de datação: paleomagnetismo, Argônio/Argônio e Urânio/Chumbo, sendo totalmente convergentes. Alguns colegas têm questionado, entretanto, que as ferramentas por nós encontradas na Jordânia seriam ecofatos e não artefatos. Ou seja, que elas teriam sido fabricadas por processos naturais (pedras batendo-se de forma aleatória), tendo em vista que foram encontradas em ambientes deposicionais fluviais altamente dinâmicos (cascalheiras). Urge, portanto, retornar à Jordânia para procurar por artefatos antigos em ambientes mais calmos, em termos de deposição sedimentar, para ter certeza que esses artefatos de pedra lascada foram de fato fabricados por nossos ancestrais.

Uma rápida inspeção efetuada por dois dos pesquisadores do projeto Zarqa no vale do Jordão, em 2015, indicaram, ainda que provisoriamente, a possível existência ali de deposições de sedimentos acumulados em praias e beiras de lagos. Se artefatos forem ali encontrados e datados da transição Plioceno/Pleistoceno, sua origem antrópica não poderá mais ser questionada e nossas descobertas no Zarqa serão validadas.

Antes de se proceder à elaboração de um projeto de pesquisa formal propriamente dito e buscar financiamento para o mesmo, algumas viagens preliminares terão que ser realizadas ao longo do Vale do Jordão, de preferência 50 km a montante e à jusante da foz do Rio Zarqa, mapeando-se formações com deposição pouco dinâmicas para só então proceder-se a um levantamento arqueológico propriamente dito. Aqui cabe ressaltar que essas viagens preliminares servirão também a dois outros propósitos: firmar parcerias com instituições jordanianas e obter do Departamento de Antiguidades daquele país as permissões necessárias para



a realização, ali, de levantamentos arqueológicos. Nossa intenção é que isso ocorra ainda este ano ou no máximo no início de 2021.

¹ Linhagem evolutiva a que pertencemos juntamente com todos os nossos ancestrais bípedes. Os primeiros bípedes surgiram por volta de 7 milhões de anos na África.

² A Paleontologia é a disciplina que estuda a evolução humana.

³ O polo magnético da Terra nem sempre coincidiu com o polo norte, mas oscilou entre ele e o polo sul. No primeiro caso chamamos o período de normal, no segundo caso, de inverso. Trabalhos efetuados por vários especialistas nas últimas cinco décadas foram capazes de datar quando os períodos de normalidade e de inversão magnética ocorreram.

⁴ A indústria de pedra lasca mais antiga conhecida é assim chamada por ter sido encontrada e descrita pela primeira vez em Olduvai, na Tanzânia. Tratam-se de lascas naturalmente afiadas que são retiradas de um bloco, o núcleo, por pancadas controladas desferidas por uma outra pedra mais resistente. Isso é chamado de lascamento por percussão direta.

⁵ Ou seja, por volta de 2.5 milhões de anos.

Centrais sindicais repudiam MP de Bolsonaro: “É uma tragédia”



Centrais pedem que o Congresso Nacional devolva MP ao Executivo



Senador Fabiano Contarato condena aprovação de MP 905 no Congresso “Enquanto outros países protegem trabalhador, o Brasil corta direitos”, denunciam senadores

Em meio à crise generalizada causada pela epidemia do coronavírus, a Comissão Parlamentar Mista do Congresso Nacional aprovou a Medida Provisória 905, que retira direitos trabalhistas, deixando ainda mais vulneráveis os trabalhadores em primeiro emprego ou os que estão desempregados a mais de dois anos.

O projeto, de nome “contrato verde e amarelo” foi aprovado ontem (17), ratificando o relatório do deputado Christino Aureo (PP-RJ).

A matéria, que recebeu quase duas mil propostas de emendas, foi votada sem a participação de deputados e senadores com mais de 65 anos e demais grupos de risco, seguindo orientação publicada pelas duas Casas Legislativas, na segunda-feira (16). Assim, a participação dos parlamentares que compõem a comissão foi drasticamente reduzida.

“Esse Congresso se reúne no dia de hoje, em situação que não é normal. Olhemos em volta o que está acontecendo no Brasil, olhemos as ruas de Brasília, esse Congresso Nacional. Quantos de nós aqui estamos? Teve um ato publicado pelo presidente Davi Alcolumbre que dispensa os parlamentares acima de 60 anos. O autor do destaque, que estamos aqui a apreciar, não está presente porque ele tem 68 anos. Veja a contradição que está ocorrendo para a qualquer custo submeter a votação essa medida provisória”, denunciou o senador Randolfe Rodrigues (Rede – AP).

Das 13 sessões em comissões marcadas para o dia no Senado, a única mantida foi a desta comissão, sob protesto da oposição que tentava suspender os trabalhos, invocando o acordo feito com a base governista. Porém, os parlamentares governistas conseguiram votar a matéria, desrespeitando o acordo de suspensão dos trabalhos.

“Eu não tenho dúvida de que isso será declarado inconstitucional. Como fica o princípio da isonomia, da paridade? Nós temos senadores com mais de 65 anos que não podem estar aqui,

Nós temos um problema de comoção internacional. Esta reunião precisa ser suspensa”, protestou o senador Fabiano Contarato (Rede-ES).

Para Randolfe, a MP 905 “vai na contramão do que o mundo está fazendo. O mundo não está em uma situação normal. É uma situação excepcional. Qualquer economista liberal do mundo diz que em momentos como este, se precisa da ação direta do Estado Nacional. Essa medida provisória é o inverso, flexibiliza o papel do Estado, retira direito dos trabalhadores”.

“O presidente da França, Emmanuel Macron, entre o conjunto de medidas que anunciou, suspendeu todas as reformas que estavam em curso naquele país. Entre elas a reforma da previdência. O ministro da Economia brasileiro, apresenta como única resposta para a grave pandemia que o Brasil começa a enfrentar, o inverso do que ocorre no mundo, ou seja, aprovar reformas que só flexibilizará mais os direitos dos trabalhadores, que só retirará mais direitos dos trabalhadores e que retira dinheiro da economia”, disse Randolfe.

Um país com governo conservador como a Inglaterra, “está colocando 12 bilhões de libras esterlinas para conter [o avanço do coronavírus] e para garantir que as pessoas possam ficar em casa. Nós estamos diante de uma situação em que as pessoas que estão em subemprego sequer têm a quem recorrer e essa medida vai agravar essa situação”, disse o Senador Rogério Carvalho (PT-SE).

“Estamos diante de uma situação muito grave. Nós temos cerca de 50 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem por conta própria como subempregados, desempregados, trabalhadores por conta própria ou prestadores de serviço. E em um momento como este em que precisamos tirar as pessoas de circulação, colocar as pessoas em casa, nós não temos o que fazer com essas pessoas. Nós estamos aqui a agora votando uma medida que vai ampliar ainda mais os desprotegidos do Estado,

num momento de pandemia em que a gente precisa rever a Emenda Constitucional 95”, argumentou o senador Rogério.

Alguns dos membros da oposição chegaram a propor que fossem suspensos os prazos de tramitação das medidas, sem prejuízo para sua apreciação, porém a base bolsonarista atropelou o acordo e os pedidos da oposição para que este fosse cumprido.

REDUÇÃO DE DIREITOS

O relator do projeto fez alterações no projeto inicial enviado pelo governo, mas manteve os principais pontos da proposta do governo, como a redução da alíquota de FGTS reduzida de 8% para 2% para as empresas e redução da multa em caso de demissão de 40% para 20%.

Inicialmente, o projeto previa essa nova modalidade de contrato apenas para os jovens de 18 a 29 anos por até 24 meses, com salário limitado a um salário mínimo e meio (R\$ 1.567,50). No entanto, já com alterações, o contrato poderá ser estendido para pessoas com mais de 55 anos, que estejam desempregadas nos últimos 12 meses.

Em relação ao trabalho aos domingos e feriados, o texto da MP retira restrições da legislação trabalhista sobre o tema. Segundo o projeto, o trabalhador passaria a repousar em outro dia da semana. No caso do comércio, o repouso semanal remunerado, caso o projeto avance, será aos domingos uma vez a cada quatro semanas. Na indústria, o descanso aos domingos será obrigatório apenas uma vez a cada sete semanas.

O texto também reduz o pagamento de adicional de periculosidade pelo empregador apenas aos trabalhadores que ficam em exposição ao risco por pelo menos 50% da jornada de trabalho. O adicional cai ainda de 30% para 5% do salário base se o empregador contratar seguro para o trabalhador.

MP suspende os contratos de trabalho e os salários pelos próximos quatro meses

As centrais sindicais repudiam na manhã desta segunda-feira (23), a Medida Provisória 927, publicada por Bolsonaro em edição extra do “Diário Oficial da União” na noite de domingo (22), que permite a suspensão dos contratos de trabalho dos trabalhadores pelos próximos 4 meses.

Com a medida, os salários também ficam suspensos, deixando milhões de trabalhadores desamparados em meio à crise de epidemia do coronavírus que toma conta de todo o país.

De acordo com a medida de Bolsonaro, fica autorizada às empresas negociarem individualmente uma “ajuda compensatória mensal”, sem a presença de sindicatos para acompanharem os acordos:

“Art. 4º Durante o estado de calamidade pública a que se refere o art. 1º, o empregador poderá, a seu critério, alterar o regime de trabalho presencial para o teletrabalho, o trabalho remoto ou outro tipo de trabalho a distância e determinar o retorno ao regime de trabalho presencial, independentemente da existência de acordos individuais ou coletivos, dispensado o registro prévio da alteração no contrato individual de trabalho”.

Diz ainda o texto: “§ 2º O empregador poderá conceder ao empregado ajuda compensatória mensal, sem natureza salarial, durante o período de suspensão contratual nos termos do disposto no caput, com valor definido livremente entre empregado e em-

pregador, via negociação individual”.

Para Miguel Torres, presidente da Força Sindical e da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, essa “é uma medida provisória de fim do mundo, desorganiza os trabalhadores, tira os sindicatos das negociações, libera a negociação direta de empresário e trabalhador, sem garantia de remuneração”. “É uma coisa de fim do mundo, esse governo está de cabeça para baixo”, declarou.

“Vamos exigir que o Congresso devolva essa MP, e vamos encontrar uma saída para o Congresso intermediar com as centrais uma solução para esse momento”, afirmou Miguel Torres.

Ubiraci Dantas (Bira), presidente da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), afirmou que essa MP “é uma tragédia para o povo brasileiro”. “Suspende os salários por 4 meses, deixa nas mãos do empregador decidir se paga, quanto paga, retira o Sindicato das negociações, fazendo negociações individuais. É uma covardia com o trabalhador”, afirmou.

Para Bira, essa medida “vai na contramão de todo o mundo, de países que estão tomando medidas de proteção ao trabalhador”. “Nós estamos solicitando ao presidente em exercício do Congresso, Antônio Anastasia, que essa MP seja devolvida para o Executivo e que o Congresso dê continuidade às negociações com as centrais, que começaram com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia”, ressaltou.



Centrais debatem com Maia garantia de salário durante crise da Covid-19

Os presidentes das centrais sindicais CUT, CGTB e Força Sindical apresentaram ao presidente da Câmara Rodrigo Maia, nesta terça-feira (17), um documento propondo medidas de garantia aos trabalhadores que terão de se afastar do emprego durante o período de combate ao coronavírus.

De acordo com as centrais, trabalhadores que tiverem de ser submetidos ao isolamento ou quarentena não podem ficar sem assistência durante o afastamento.

Dentre os itens debatidos no encontro, as centrais propõem que os trabalhadores tenham estabilidade garantida por três meses e, em caso de desemprego e informalidade, recebam um benefício durante a crise.

As centrais também propõem um subsídio para que as empresas nacionais possam arcar com esse custo.

De acordo com Ubiraci Dantas de Oliveira (Bira), as propostas serão debatidas em um grupo técnico que está sendo gerido entre a presidência da Câmara dos Deputados, as centrais e os empresários, para pensar numa saída que atenda essas necessidades.

“As empresas também vão ter que ajudar nesse esforço coletivo de preser-

var a vida do povo brasileiro sem jogar nas costas do trabalhador o ônus da crise”, afirmou Bira.

Para o presidente da CUT, Sérgio Nobre, “a gente não espera que a economia chegue a parar no patamar de paralisa total. Será trágico, mas temos que nos preparar, porque se não cuidarmos, vai chegar”, disse.

Os dirigentes entregaram também carta assinada por todas as centrais, elaborada após reunião na segunda-feira (16), em que as entidades apontam reivindicações necessárias para os trabalhadores. Entre elas, a ampliação do seguro-desemprego pelo período necessário em que durar a crise do coronavírus e pagamento de auxílio creche.

Medidas para garantir o sustento de milhões de trabalhadores e suas famílias também são debatidas em outros países que enfrentam a pandemia do coronavírus.

Nos Estados Unidos, o governo informou que pretende enviar US\$ 1000 (R\$ 5000) aos estadunidenses para suprir as emergências causadas pela epidemia. Em Portugal, a Associação da Hotelaria, Restauração e Similares negocia com o governo o apoio de 1.000 euros mensais por trabalhador, em caráter de urgência.



“Falta segurança”, denuncia sindicato Sindicato dos Correios exige medidas de higiene e segurança para atendimento à população

O Sindicato dos Trabalhadores da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos de São Paulo (Sintect-SP) divulgou um vídeo orientando aos trabalhadores de sua base a não prestar serviço, a partir da segunda (23), se não for disponibilizado para todos um kit de higiene para evitar o contágio e a transmissão do Covid-19, o coronavírus, como orienta os órgãos de Saúde e como foi prometido pela própria empresa.

O kit pedido pelos trabalhadores – com máscaras, álcool em gel e luvas – servirão para evitar que o vírus seja transmitido pelos pacotes enviados pelos Correios, bem como no atendimento a pessoas físicas e empresas.

No vídeo, o presidente do Sintect-SP e vice presidente da FINDECT (Federação Interestadual dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras dos Correios), Elias Cesário (Diviza), orienta que “a partir de segunda-feira todos trabalhadores dos Correios (da área operacional, da área de atendimento e da área de tratamento), quando chegarem à sua unidade, se não houver nenhum produto desses para nós trabalhadores para fazermos a higienização e não sermos transmissores e nem recebermos este vírus, não iremos sair para a rua ou tratar das cartas ou receber os clientes nas agências.”

Em nota, o Sintect-SP denuncia “a situação de abandono e a deterioração das condições de trabalho, mas a empresa sequer ouviu, numa clara indicação de que o sucateamento é proposital, para convencer a população e justificar a privatização”.

“No momento, a empresa não garantiu profissionais da área da saúde recepcionando, monitorando e acompanhando os casos suspeitos e confirmados, bem como os ambientes que possam vir a ser afetados. Também não disponibilizou universalmente os itens de higiene obrigatórios como água e sabonete líquido, papel toalha e álcool gel 70% individualmente”, continua a nota.

O sindicato denuncia ainda que há diversos setores nas unidades sem a adequada ventilação, agravando ainda mais as condições com sistemas de ar condicionado sem manutenção.

“Iremos preservar a nossas vidas e da população! A direção da empresa não está vendo isso para nós, está preocupada apenas com lucros. Nesse momento queremos sim ajudar a sociedade brasileira e mundial, mas não com nossas vidas. Queremos preservar a vida de todos os trabalhadores e trabalhadoras e de toda a população”, exclamou Divisa, em vídeo.

Segundo o sindicalista, o Sintect-SP e a Fentect entraram com uma ação na Justiça do Trabalho para suspender as atividades de todos os trabalhadores do setor, até que sejam atendidas as medidas sanitárias de prevenção.

Divisa diz ainda que a entidade está procurando os poderes executivos do Estado e do Município para ajudar no diálogo com a empresa, e afirma que se o presidente dos Correios, o General Floriano Peixoto Vieira Neto, se preocupa mesmo com a vida de seus funcionários e clientes “queremos discutir ações que de fato ajudem a prevenir e erradicar este vírus”.



Governos pedem urgência em mais verbas Estados pedem ‘socorro’ à União para garantir atendimento na Saúde

Os governos estaduais divulgaram no dia 16 de março um documento pedindo um pacote de socorro ao governo federal que garanta verbas para a Saúde e assegure o atendimento à população em meio à crise do coronavírus.

Assinado pelo Comitê dos Secretários da Fazenda dos Estados e do Distrito Federal (Comsefaz), o pacote de socorro inclui mais dinheiro para a saúde, suspensão do pagamento da dívida pública dos Estados com a União e crédito do Banco Nacional do Desenvolvimento Social e Econômico (BNDES) para ampliar os investimentos.

Os governadores pedem medidas efetivas que garantam investimentos novos na área da saúde, uma vez que o pacote proposto pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, prevê apenas antecipação de recursos que já seriam pagos a setores mais vulneráveis com a antecipação do 13º para os aposentados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para abril e maio e antecipação do abono salarial (PIS/PASEP). A antecipação, ainda que importante, por si só não dará conta do problema.

Na “Carta dos Secretários de Fazenda dos Estados para Saneamento da Crise Covid-19”, o primeiro pedido listado é uma liberação emergencial de recursos para as secretarias estaduais de saúde. Os Estados querem ainda um repasse de verba livre para “reforço da capacidade financeira dos Estados”.

Os governadores também pedem a disponibilização de linhas de crédito pelo BNDES aos Estados, “com aplicação em custeio da saúde e investimentos em obras”. A carta pede ainda que ao governo federal o “rebaixamento da meta de superávit primário do governo federal, para que não haja ameaça de contingenciamento no momento em que o Sistema Único de Saúde também precisa e precisará de recursos que impactam diretamente nas prestações estaduais do gênero”.

Ainda com a pressão dos governos, nesta terça-feira, em entrevista coletiva, o ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta informou que o governo está liberando recursos para os estados na proporção de R\$ 2 por habitante, para instalação de novos leitos em CTIs.



“Falta segurança”, denuncia sindicato Sindicato dos Correios exige medidas de higiene e segurança para atendimento à população

O Sindicato dos Trabalhadores da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos de São Paulo (Sintect-SP) divulgou um vídeo orientando aos trabalhadores de sua base a não prestar serviço, a partir da segunda (23), se não for disponibilizado para todos um kit de higiene para evitar o contágio e a transmissão do Covid-19, o coronavírus, como orienta os órgãos de Saúde e como foi prometido pela própria empresa.

O kit pedido pelos trabalhadores – com máscaras, álcool em gel e luvas – servirão para evitar que o vírus seja transmitido pelos pacotes enviados pelos Correios, bem como no atendimento a pessoas físicas e empresas.

No vídeo, o presidente do Sintect-SP e vice presidente da FINDECT (Federação Interestadual dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras dos Correios), Elias Cesário (Diviza), orienta que “a partir de segunda-feira todos trabalhadores dos Correios (da área operacional, da área de atendimento e da área de tratamento), quando chegarem à sua unidade, se não houver nenhum produto desses para nós trabalhadores para fazermos a higienização e não sermos transmissores e nem recebermos este vírus, não iremos sair para a rua ou tratar das cartas ou receber os clientes nas agências.”

Em nota, o Sintect-SP denuncia “a situação de abandono e a deterioração das condições de trabalho, mas a empresa sequer ouviu, numa clara indicação de que o sucateamento é proposital, para convencer a população e justificar a privatização”.

“No momento, a empresa não garantiu profissionais da área da saúde recepcionando, monitorando e acompanhando os casos suspeitos e confirmados, bem como os ambientes que possam vir a ser afetados. Também não disponibilizou universalmente os itens de higiene obrigatórios como água e sabonete líquido, papel toalha e álcool gel 70% individualmente”, continua a nota.

O sindicato denuncia ainda que há diversos setores nas unidades sem a adequada ventilação, agravando ainda mais as condições com sistemas de ar condicionado sem manutenção.

“Iremos preservar a nossas vidas e da população! A direção da empresa não está vendo isso para nós, está preocupada apenas com lucros. Nesse momento queremos sim ajudar a sociedade brasileira e mundial, mas não com nossas vidas. Queremos preservar a vida de todos os trabalhadores e trabalhadoras e de toda a população”, exclamou Divisa, em vídeo.

Segundo o sindicalista, o Sintect-SP e a Fentect entraram com uma ação na Justiça do Trabalho para suspender as atividades de todos os trabalhadores do setor, até que sejam atendidas as medidas sanitárias de prevenção.

Divisa diz ainda que a entidade está procurando os poderes executivos do Estado e do Município para ajudar no diálogo com a empresa, e afirma que se o presidente dos Correios, o General Floriano Peixoto Vieira Neto, se preocupa mesmo com a vida de seus funcionários e clientes “queremos discutir ações que de fato ajudem a prevenir e erradicar este vírus”.



Governos pedem urgência em mais verbas Estados pedem ‘socorro’ à União para garantir atendimento na Saúde

Os governos estaduais divulgaram no dia 16 de março um documento pedindo um pacote de socorro ao governo federal que garanta verbas para a Saúde e assegure o atendimento à população em meio à crise do coronavírus.

Assinado pelo Comitê dos Secretários da Fazenda dos Estados e do Distrito Federal (Comsefaz), o pacote de socorro inclui mais dinheiro para a saúde, suspensão do pagamento da dívida pública dos Estados com a União e crédito do Banco Nacional do Desenvolvimento Social e Econômico (BNDES) para ampliar os investimentos.

Os governadores pedem medidas efetivas que garantam investimentos novos na área da saúde, uma vez que o pacote proposto pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, prevê apenas antecipação de recursos que já seriam pagos a setores mais vulneráveis com a antecipação do 13º para os aposentados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para abril e maio e antecipação do abono salarial (PIS/PASEP). A antecipação, ainda que importante, por si só não dará conta do problema.

Na “Carta dos Secretários de Fazenda dos Estados para Saneamento da Crise Covid-19”, o primeiro pedido listado é uma liberação emergencial de recursos para as secretarias estaduais de saúde. Os Estados querem ainda um repasse de verba livre para “reforço da capacidade financeira dos Estados”.

Os governadores também pedem a disponibilização de linhas de crédito pelo BNDES aos Estados, “com aplicação em custeio da saúde e investimentos em obras”. A carta pede ainda que ao governo federal o “rebaixamento da meta de superávit primário do governo federal, para que não haja ameaça de contingenciamento no momento em que o Sistema Único de Saúde também precisa e precisará de recursos que impactam diretamente nas prestações estaduais do gênero”.

Ainda com a pressão dos governos, nesta terça-feira, em entrevista coletiva, o ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta informou que o governo está liberando recursos para os estados na proporção de R\$ 2 por habitante, para instalação de novos leitos em CTIs.

Rússia envia à Itália equipamentos e especialistas para combater Covid-19



Ministério da Defesa da Rússia

Protesto contra o fechamento do parlamento Netanyahu tenta fechar Congresso e Judiciário para escapar da cadeia

Após perder a eleição para o parlamento israelense, já com um bloco de 61 dos 120 deputados ao Knesset formado para formar novo governo sob o comando do opositor Benny Gantz (por sua vez com mandato para indicar gabinete ministerial entregue pelo presidente Reuven Rivlin), Netanyahu – usando o pretexto de que o Covid-19 traria risco à saúde dos deputados mandou o presidente do Knesset, Edelstein, se negar a abrir as sessões.

O Knesset deveria reabrir no dia 18, para dar posse aos deputados eleitos duas semanas antes. Sob o mesmo pretexto, o réu por fraude, suborno e quebra de confiança, que teria a primeira audiência para responder pelas acusações do Ministério Público contra ele, orientou o ministro da Justiça, Erdan, a baixar ordem para que as audiências judiciais fossem suspensas. A primeira audiência com Netanyahu no banco dos réus deveria ter acontecido no dia 17.

No dia 19, formou-se uma carreta de israelenses em protesto contra os atentados de Netanyahu à democracia. Ela foi bloqueada ao se aproximar de Jerusalém. Uma das manifestantes, que teve a passagem do seu carro barrado, questionou o policial que comandava a operação sobre o porquê do bloqueio, obteve a seguinte resposta: “É assim. Essas são as ordens”.

No vídeo que se acessa no link abaixo, se pode ver a prisão de um dos manifestantes diante do Knesset:

<https://www.haaretz.com/israel-news/elections/premium-caravan-protesting-assault-on-democracy-stopped-on-way-to-jerusalem-1.8690489>

O presidente israelense manifestou seu repúdio às medidas ditatoriais tomadas a mando de Netanyahu no vale-tudo para se safar da perda do mandato e da cadeia. “O coronavírus não pode ser usado como pretexto para sabotar a democracia israelense”, afirmou o presidente Rivlin.

O bloco opositor, Azul e Branco (Kahol Lavan), entrou com uma petição na Corte Suprema de Israel contra a agressão de Netanyahu ao que resta de democracia no país.

Após entregar a petição, Benny Gantz alertou que “muitos israelenses entendem que não devemos silenciar diante de movimentos que buscam destruir nossa democracia”.

A Corte Suprema, dirigida pela presidente Esther Hayut e os juizes Hanan Melcer, Neal Hendel, Uzi Vogelman e Isaac Amit, deve se reunir neste domingo para analisar a petição.

AUTOR DE “SAPIENS” DENUNCIA DITADURA

O historiador e escritor Yuval Noah Harari, autor do best-seller “Sapiens – Uma breve história da Humanidade”, uniu-se aos que denunciam o uso do coronavírus por parte de Netanyahu para destruir a democracia.

“Netanyahu perdeu as eleições. Então, sob o pretexto de combater o coronavírus, fechou o parlamento e baixa todo tipo de decreto que deseja. Isso se chama ditadura”, denunciou o professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Harari, em declaração do dia 19.

Ele acrescentou que “na Itália, Espanha e França decretos emergenciais foram expedidos por governos que o povo elegeu. Isso é legítimo. Os decretos emergenciais israelenses são baixados por alguém que não tem mandato do povo. Isso é ditadura”.

Yair, o irascível filho de Netanyahu, respondeu a Harari chamando-o de “estúpido”: “É um exemplo de como um professor esperto pode ser estúpido sobre política”.

Disse ainda que as medidas ditatoriais de seu pai estariam certas pois servem para impedir a posse de um governo “com apoio dos que glorificam os esmagadores de crânios de bebês”, numa referência ao apoio da Lista Conjunta (de predominância árabe-israelense) ao opositor Gantz como primeiro-ministro para suceder o corrupto Netanyahu.

OCUPAR PALESTINA IMPEDE DEMOCRACIA

Estes atentados de Netanyahu ao que resta de democracia em Israel se fazem possíveis porque a cultura ditatorial se nutriu durante décadas da opressão do povo palestino.

Foi o que preconizou o filósofo e teólogo Yeshayahu Leibowitz, professor de Química da Universidade Hebraica de Jerusalém e editor da Enciclopédia Hebraica, em seus pronunciamentos, entrevistas e documentos produzidos desde meses após o início do drama dos territórios ocupados após a Guerra dos Seis Dias até seus últimos dias:

Ele avisou que “a ocupação dos territórios tornaria Israel em um agente da opressão, com seus cidadãos chamados em números crescentes a policiar os palestinos”.

“Israel”, dizia Leibowitz, “tem que se libertar da maldição de dominar outro povo”. A prolongada dominação sobre outro povo, prosseguiu, “trará uma catástrofe sobre todos os judeus”.



Avião Il-76 é carregado com caminhão que leva equipamento médico

Italianos aplaudem os médicos cubanos que se integram na luta contra a pandemia

Sob aplausos, os italianos receberam neste domingo a chegada dos 52 integrantes da Brigada Médica cubana que desembarcou no país europeu para auxiliar no combate ao coronavírus.

E o que mostra o vídeo:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=9&v=nHs7ZV-JaEA&feature=emb_logo

A lição de solidariedade é ainda mais exemplar porque os 36 médicos, 15 enfermeiros e um especialista em logística se dirigirão à Lombardia, precisamente a região mais afetada do país europeu que soma 3.095 mortos até sábado.

“Todos temos medo, porém temos um dever revolucionário a cumprir. Assim que eliminamos o medo e o colocamos de lado”, declarou o especialista Leonardo Fernández, de 68 anos, que acumula inúmeras missões nos mais remotos lugares do planeta, como a febre hemorrágica de Moçambique, o devastador terremoto do Haiti e a epidemia de ébola na Libéria. “Quem diz que não tem medo é um super-herói, mas nós não somos super-heróis, somos médicos revolucionários”, enfatizou, resgatando os exemplos de Fidel e



Desembarque da Brigada Médica cubana em Milão

Raul Castro.

No vídeo os profissionais da Saúde de Cuba são aplaudidos na partida para a Itália:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=s-B4KW4ru030&feature=emb_logo

O Conselho de Saúde regional da Lombardia solicitou no dia 14 de março que Cuba e China colaborassem com os especialistas italianos, que, diante do avanço do Covid-19, enfrentam o colapso dos serviços médicos, a insuficiência hospitalar e a multiplicação

de novos contágios. Assim, explica o conselheiro Giulio Gallera, os médicos estão sendo obrigados a decidir a quem tratar e a quem deixar morrer.

“Neste quadro os médicos cubanos são uma oportunidade extraordinária. Se trata de pessoal altamente especializado que já combateu o ebola e sabe tratar deste tipo de enfermidades”, assinalou.

Até o momento as brigadas médicas cubanas já se encontram em 37 países para prestar solidariedade.

China entrega 500 mil máscaras para atender ao sistema hospitalar da Grécia

Aterrizou neste sábado no aeroporto internacional de Atenas um avião com meio milhão de máscaras de proteção respiratória enviadas pela China ao povo grego.

Em nome da Grécia, os ministros do Desenvolvimento e da Saúde, Kostis Hadzidakis e Vasilis Kikkilias, estiveram no local para saudar e agradecer o apoio solidário e receber o socorro oferecido pela estatal de eletricidade chinesa State Grid e pela Admie, empresa grega de distribuição de eletricidade, da qual a State Grid possui 25% do capital.

De acordo com o governo grego, as 500 mil máscaras FFP2 serão distribuídas à rede hospitalar abalada por graves problemas crônicos, com escassez de equipamentos médicos, da mesma forma que o conjunto do sistema de saúde, exacerbados com o arrocho submetido pela Troika aos gregos.

Números oficiais apontam que nos últimos nove dias o coronavírus matou dez pessoas no país, que tem 495 casos registrados. A primeira vítima fatal, no dia 12 de março,



Máscaras foram enviadas à Grécia, França e Bélgica

foi um grego de 60 anos, que havia viajado a Israel no final de fevereiro.

Desde então o governo adotou medidas restritivas e limitou “viagens desnecessárias”, determinou o fechamento de estabelecimentos de ensino, parques e locais de entretenimento, e proibiu reuniões de mais de dez pessoas.

Apelando para que a população permaneça em casa, o Ministério da Defesa Civil da Grécia alertou que se os casos continuarem aumentando, o confinamento geral

será estabelecido no país.

FRANÇA E BÉLGICA

Na última quarta-feira a China havia enviado um milhão de máscaras para a França, numa época em que os países europeus enfrentam uma grave escassez. As doações foram feitas por duas organizações beneficentes chinesas.

A gigante chinesa do comércio na internet, Alibaba, também anunciou em comunicado a chegada na Bélgica de um avião de carga com centenas de milhares de máscaras que serão destinadas a vários países europeus.

Em solidariedade ao país mais atingido pelo vírus, 9 aviões Il-76, saíram de Moscou em direção a Roma, com especialistas e caminhões com equipamentos

A Rússia começou a enviar ajuda médica para a Itália no domingo (22) para combater o novo coronavírus. A ordem foi emitida pelo presidente Vladimir Putin, após conversa com o premiê italiano Giuseppe Conte.

De acordo com um comunicado assinado pelo ministro de Defesa, Sergei Shoigu, as Forças Aeroespaciais formaram um grupo de 9 aviões Il-76 nos quais, além de veículos móveis de desinfecção, serão transportados especialistas para reforçar equipes médicas nas regiões italianas mais atingidas.

No sábado (21), a Itália, o país mais afetado pela propagação do vírus, registrou 793 mortes em um único dia, chegando a 4825 no total. No mundo todo, a Covid-19 já tirou a vida de mais de 11.000 pessoas. Houve uma primeira redução – infelizmente ainda pequena – no número de mortos no domingo: 650.

Sete dessas aeronaves

com os médicos a bordo já levantaram voo rumo à base aérea italiana de Pratica di Mare que se encontra a 30 quilômetros a sudoeste de Roma.

O grupo de cerca de 100 pessoas que foi destacado para o trabalho de solidariedade incluiu os principais especialistas do Ministério de Defesa da Rússia em virologia e epidemiologia, que têm uma reconhecida experiência internacional na luta contra as epidemias.

Segundo as informações divulgadas no sábado, a Rússia registra atualmente 367 casos do novo coronavírus, sendo a maioria em Moscou, e uma morte.

Em conversa telefônica mantida com Shoigu, o ministro de Defesa da Itália, Lorenzo Guerini, expressou seu agradecimento à Rússia pela sua ajuda na luta contra a pandemia.

Esta semana a Itália superou a China como o país que registrou mais casos fatais pelo vírus.



Diretor e atores do filme “O Silêncio do Caçador”

Cineastas brindam argentinos com cinema gratuito durante a quarentena

A pandemia de coronavírus incentivou diretores, produtores e gestores de festivais de cinema da Argentina a liberar importante conteúdo audiovisual para seu consumo gratuito.

Com as atividades públicas suspensas como forma de prevenir possíveis contágios, artistas e produtores de obras que não poderão ser exibidas durante esse período buscaram alternativas para levar seu trabalho ao público, tendência que se acelerou com a declaração de isolamento social obrigatório que está vigindo no país desde a sexta-feira, 20.

DEBATE VIRTUAL

Entre as iniciativas que já foram realizadas nesse contexto se destaca a “Cuarentena de Películas” (Quarentena de filmes, um ciclo diário e gratuito de cinema argentino online), organizada pela Associação de Diretores de Cinema PCI, que inclui ainda uma conversa virtual com os diretores dos filmes programados.

“Cuarentena de Películas” oferece uma lista de doze títulos, um por cada dia de isolamento inicialmente previsto, selecionados entre o melhor e mais recente do cinema argentino. Os mesmos estarão disponíveis de forma gratuita das 0:00 às 20:00 de cada dia, através do site <http://www.puentesdecine.com>. Uma vez concluído o horário de exibição, os espectadores poderão participar de um diálogo com o diretor de cada filme.

A Argentina anunciou o isolamento social obrigatório em nível nacional pela crise do coronavírus. Entre as medidas preventivas, o presidente Alberto Fernández emitiu

um decreto proibindo que toda a população abandone seus lares com a exceção de sair para comprar alimentos ou medicamentos, até 31 de março. A ordem de quarentena obrigatória entrou em vigência a partir da meia-noite da sexta-feira, 20.

O presidente explicou que era para o bem de todos os argentinos e acrescentou que “vamos ser absolutamente inflexíveis” e que a pessoa que não possa explicar a razão de estar na rua será submetida às sanções que o código penal prevê.

Fernández reconheceu que necessariamente haverá problemas econômicos, mas chamou à “tranquilidade” aos setores informais e aos autônomos, para quem o governo anunciará um plano com medidas de estímulo e apoio para atenuar a falta de recursos que inevitavelmente derivará desta situação nos próximos dias.

MEDIDAS

“Estamos permanentemente avaliando a situação de muita gente que vive de bicos ou de diárias e não está associada ao Ministério”, assinalou o ministro de Desenvolvimento Social, Daniel Arroyo, que lembrou que esse setor atinge “quase um milhão de pessoas na Argentina”. Assim, avaliou que “o garçom, o carpinteiro, a faxineira diarista, o taxista ou motorista de uber” compõem um segmento que “vive diretamente de seu próprio ingresso e agora não têm para movimentar-se, nem têm trabalho”.

Na tarde de sábado, 21, na Argentina foram confirmados 158 casos de infectados e 4 mortes.

União Europeia suspende teto de gastos para ajudar o combate ao coronavírus

A União Europeia suspendeu o teto de gastos para permitir o combate à pandemia Covid-19. O anúncio de relaxamento do déficit fiscal máximo de 3% do PIB foi feita na sexta-feira (20) pela presidente da Comissão Europeia, a alemã Ursula von der Leyen.

Na semana passada, o epicentro da pandemia de Covid-19 se deslocou para a Europa, que já tem mais casos e mais mortes do que a China, sendo que os países mais afetados são Itália, Espanha, França e Alemanha, mas com praticamente todos os demais se confrontando com os efeitos da moléstia.

Foi a primeira vez que foi ativada a chamada 'cláusula de salvaguarda' do Pacto de Estabilidade e Crescimento, possibilitando, como declarou Von der Leyen, que os países europeus possam "bombear [dinheiro] na economia o quanto for necessário".

O 'Pacto' havia sido imposto por Berlim, durante a crise europeia de 2012, para arrochar direitos, salários e aposentadorias, sob um teto de déficit fiscal de 3% do PIB de cada estado membro. "Estamos relaxando as regras orçamentárias para permitir que eles façam isso", declarou Von der Leyen.

"O coronavírus provocou um efeito dramático na economia. A maioria dos setores foi atingida. Isolamento social é necessário para conter o vírus, mas também desacelera severamente nossa economia", afirmou a presidente da Comissão Europeia.

"Hoje - e isso é novo, nunca havia sido feito antes -, nós ativamos a cláusula de salvaguarda [do Pacto de Estabilidade]", acrescentou. "Isso significa que os governos nacionais vão poder bombear na economia o quanto for necessário", destacou.

O governo da Itália já havia advertido que aumentaria seu déficit fiscal em mais 1 ponto percentual, ultrapassando o teto fiscal da UE, em razão do gasto extraordinário de 25 bilhões de euros para socorrer a economia dizimada pela pandemia de coronavírus.

Nos últimos dias, o BCE já havia anunciado um pacote de 750 bilhões de euros na tentativa de manter a economia à tona, enquanto a Comissão Europeia flexibilizou a ajuda estatal às empresas privadas. A UE também está instalando um mecanismo europeu de compra de insumos e equipamentos necessários para a contenção da pandemia.

Mas os países mais atingidos - Itália, Espanha e França - consideram essas medidas ainda muito aquém do que se faz necessário.

O primeiro-ministro italiano Conte propôs que o fundo de resgate europeu, criado no auge da crise de 2012, o Mede, de quase meio trilhão de euros, seja usado para enfrentar a crise em curso, em que a necessidade de contenção da pandemia - e portanto da mobilidade - implica no fechamento de setores inteiros da economia.

De acordo com o El País, em uma semana de confinamento a Espanha perdeu 100 mil empregos por dia e até a quinta-feira já tinha eliminado todos os empregos criados no ano passado. O turismo, que tem importante contribuição para o PIB espanhol, foi a pique.

A previsão é de que a economia espanhola despenque 12% no trimestre. De acordo com a avaliação da presidente do BCE, Christine Lagarde, no cenário mais pessimista o PIB da UE cairá 10%.

O ministro da Economia e Finanças francês, Bruno Le Maire, advertiu que, se não ajudar a Itália, a UE não se recuperaria.

"Se for cada um para si, se abandonarmos certos estados, se dissermos para a Itália, por exemplo, 'se vire', a Europa não se recuperará", afirmou em entrevista ao canal LCI.

"Se não formos capazes de nos unir, é o projeto político europeu que será varrido por essa crise", acrescentou, pedindo à UE que siga o exemplo do BCE, que apresentou na quarta-feira um plano de emergência de 750 bilhões de euros.

No mesmo sentido, fonte diplomática assinou ao El País que "ou a Europa está ciente do tremor que corre ao longo da cordilheira sul ou da imagem de Roma queimando e os eurocratas tocando a lira farão muito danos".

Como apontou o líder das Comissões Operárias, Unai Sordo, "a Europa deve demonstrar que é útil para algo ou sua crise de legitimidade será brutal".

Trabalhadores da Saúde repudiam 'racismo de Trump contra chineses'



Junto com seu vice, Trump destila racismo contra o povo chinês - foto Common Dreams

Após 800 mortos em 24 horas, Itália suspende todas as atividades produtivas não essenciais

A Itália suspendeu todas as atividades produtivas não essenciais a partir de segunda-feira (23), após registrar quase 800 mortes em 24 horas no sábado, 546 delas na Lombardia, e 6.557 novos contágios.

A nova medida, que intensifica a quarentena em vigor, irá, inicialmente, até 3 de abril. O número de óbitos na Itália já se aproxima de 5 mil e o de infectados ultrapassa 53 mil.

A decisão foi anunciada pelo primeiro-ministro Giuseppe Conte na noite de sábado. "Este é o desafio mais difícil após a guerra", disse ele.

"Hoje decidimos dar outro passo: o governo decide encerrar todas as atividades produtivas que não sejam estritamente necessárias, cruciais e indispensáveis para garantir bens e serviços", declarou Conte.

"Supermercados, alimentos e farmácias permanecerão abertos. Os serviços essenciais serão garantidos: bancos, correios e transporte".

A situação se tornou tão dramática que em Bérghamo - a Wuhan italiana - foi preciso uma caravana de caminhões do exército para levar dezenas de caixões para cremação em outras regiões, diante do colapso da capacidade local de dar

conta de tantos mortos.

A Itália já superou a China em número de mortos e o colapso do sistema médico vinha forçando as equipes hospitalares a terem de escolher a quem atender.

"Reduzimos o motor produtivo do país, mas não o fechamos. O Estado está lá, o Estado está aqui", ressaltou Conte.

Fábricas e canteiros de obras serão paralisados, assim como o atendimento público não relacionado à contenção da pandemia. Prossegue a produção estratégica para o enfrentamento da crise, como a agroalimentar, remédios, equipamentos de proteção, material de limpeza e energia.

Os supermercados terão que passar a usar termômetros térmicos e a operar em horários mais longos para que reduzir a aglomeração no atendimento.

"Nunca antes nossa comunidade se estreitou como uma cadeia para proteger o ativo mais importante, a vida. Se apenas um elo dessa cadeia cedesse, estaríamos expostos a perigos maiores para todos", acrescentou o primeiro-ministro. "Unidos, vamos fazê-lo", concluiu.

O primeiro-ministro também convocou todos os italianos a "manterem a calma" e evitarem a acu-

mulação de mantimentos e remédios que podem fazer falta a outros.

A interrupção de todas as atividades industriais não essenciais vinha sendo pedido pelas centrais sindicais e pelos governos regionais.

Horas antes do decreto de Conte os governos das regiões mais afetadas - Lombardia e Piemonte - já haviam determinado a suspensão das atividades não essenciais. O presidente do Piemonte, Alberto Cirio, disse que foi fechado "tudo o que podia ser com os poderes das regiões".

CONTENÇÃO MAIS SEVERA

Também o chefe da delegação chinesa de apoio à Itália, e que comandou o combate ao coronavírus em Wuhan, e vice-presidente da Cruz Vermelha chinesa, Sun Shuopeng, havia na quinta-feira recomendado que era preciso uma contenção muito mais severa.

"Não há uma segunda chance quando se fala de vidas", advertiu Sun, notando que "o transporte público continua funcionando, há muitas pessoas pelas ruas, ainda há jantares e festas em hotéis, as pessoas não usam máscaras".

Leia mais em www.horadopovo.com.br

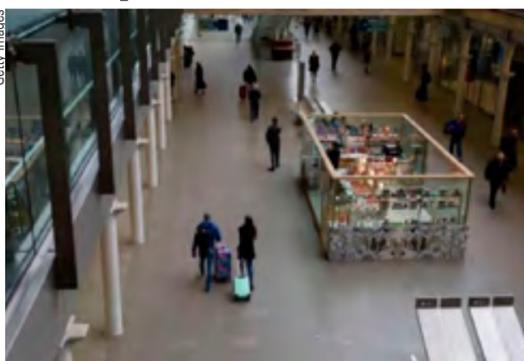
Governo britânico aproxima-se do modelo chinês de combate à pandemia da Covid-19

O governo do premiê britânico Boris Johnson manteve até a segunda-feira (16) uma estratégia de enfrentamento da Covid-19 conhecida como "mitigação", que parte da visão de que não se pode deter o coronavírus e, portanto, só seria possível diminuir sua propagação e buscar evitar ao máximo os casos de contágio que fariam colapsar o sistema público de saúde. Com isso, o Reino Unido ficou praticamente paralisado no combate ao coronavírus.

Essa apatia do governo mudou após a divulgação de um modelo matemático do Imperial College de Londres, que apresentou um panorama muito grave de como a doença pode propagar-se pelo país, como ia impactar o sistema público de saúde e quantas pessoas morreriam, se mantida essa estratégia.

O estudo do Imperial College deixa claro que, ou muda-se esse modelo ou mais de 250 mil pessoas vão morrer por causa do novo coronavírus, mesmo se o sistema de saúde puder atender a todos os pacientes contagiados. Foi a partir desse alerta que o governo começou a tomar medidas na direção da estratégia de "Supressão" adotada pela China, que "é a única viável", segundo o estudo do Imperial College.

O modelo chinês de supressão baseia-se em romper as cadeias de transmissão, tratando de efetivamente deter a epidemia e reduzir os casos ao menor número possível. E que significa romper



Estações vazias após o governo inglês ter decidido mudar sua "estratégia" de não fazer nada contra a pandemia a cadeia de contágio com a distância social de toda a população e ampliação dos testes, para isolar contágios assintomáticos.

O modelo matemático apresentado pelo Imperial College e a dramática evolução da situação na Itália levaram o primeiro-ministro Boris Johnson a falar de "supressão" e a iniciar o aumento do número de testes na população. O estudo inglês concluiu também que, se continuarem com a estratégia de mitigação, nos EUA poderiam morrer até 1,2 milhão de pessoas por causa do coronavírus.

Os resultados causaram impacto nos especialistas: se EUA e Reino Unido não tomarem medidas, o modelo mostra que o pico de contágio será alcançado em três meses e infectará cerca de 80% da população, deixando 510 mil

A Associação Nacional dos Enfermeiros dos EUA, com 150 mil filiados, exige que Trump pare de usar termos racistas e xenofóbicos contra a China ao se referir à pandemia do novo coronavírus

CHUCK IDELSON*

Líderes da Associação Nacional dos Enfermeiros [NNU, sigla em inglês], estão exigindo do presidente Trump e outros filiados ao Partido Republicano que parem de usar linguagem racista e xenofóbica contra a China e o povo chinês ao se referirem à pandemia do novo coronavírus.

"É alarmante escutar os mais altos funcionários chamarem esta perigosa pandemia de 'vírus chinês', o que não é apenas uma terrível declaração enganosa como também encoraja atos de intolerância e violência contra pessoas de descendência chinesa, assim como de outros povos asiáticos", alerta o diretor-executivo da NNU, Bonnie Castillo.

"Como uma comunidade global, deveríamos estar promovendo a cooperação internacional e compartilhando recursos para testes, tratamento médico e pesquisa crítica para uma vacina efetiva. Essa, e não as invectivas, é a forma de vencer a crise", acrescenta Castillo.

"As redes sociais têm sido inundadas com informes de pessoas da descendência asiática que já sofreram com abuso racista e receberam ameaças físicas", prossegue.

"Pessoas de todas as nacionalidades, de todas as raças, de todas as etnias em todo o mundo têm sido infectadas e estão morrendo devido ao Covid-19. Nós podemos, apenas, lutar contra este vírus mortal como um só", declara Jean Ross, também co-presidente da NNU.

"Culpar qualquer outra

O que a emergência da Covid-19 tem a ver com a disputa Biden vs. Sanders

NORMAN SOLOMON*

Na superfície, a emergência do coronavírus não tem qualquer relação com a disputa Joe Biden vs. Bernie Sanders. O que é óbvio é que fanfarrone e inação ensandecida de Donald Trump permitiu que a pandemia desse um salto letal nos Estados Unidos. As pessoas estão morrendo, enquanto é enorme o número de vidas sob risco, o que tornou medidas drásticas uma questão imperativa.

Ao mesmo tempo, as diferenças entre aquilo que Biden e Sanders advogam têm enormes implicações acerca do que poderia ser feito para deter o vírus mortal neste país.

A ausência de um sistema público de Saúde é consistente com uma linha de longo tempo de desgaste e massivos rombos no setor público.

Biden quer meramente tapar alguns dos buracos, enquanto Sanders quer construir fortes estruturas sobre fundações verdadeiramente democráticas.

"Chegou a hora de nos perguntarmos como chegamos ao ponto em que estamos, não apenas nosso despreparo para enfrentar o vírus, mas como terminamos com uma economia onde tantas pessoas estão feridas ao tempo em que há outras com ingressos massivos e há uma desigualdade em termos de distribuição de riquezas", disse Sanders no recente debate com Biden [o debate foi realizado no dia 15, no Arizona].

"E hora de perguntarmos aonde está o poder na América. Quem possui a mídia? Quem domina o processo legislativo? Por que se oferta cortes de impostos aos bilionários e não há elevação do salário mínimo? Enquanto os denominados democratas 'moderados', a exemplo de Biden, não querem responder e nem mesmo ouvir tais ques-

nacionalidade ou etnia só separa os povos e coloca as pessoas em perigo. Temos que nos unir e entender que bullying e ameaças só fazem piorar esta severa crise", acrescenta Ross.

Recentemente, o presidente Trump aumentou o uso do rótulo 'vírus chinês'. Outro funcionário da Casa Branca se referiu ao vírus como "Kung Flu".

Outros republicanos embarcaram em atitudes similares ou "até de mais impressionante linguagem e estigmatização", notou Castillo.

O senador John Cornyn (republicano pelo Texas), por exemplo, declarou que "a China deve ser culpada por sua cultura de comer morcegos e cobras e cachorros e coisas desse tipo".

De fato, como observou Castillo, um número de nações asiáticas altamente desenvolvidas - incluindo China, Coreia do Sul e Singapura - demonstraram uma resposta muito mais rápida e efetiva ao avanço do vírus e no sentido de fornecerem tratamento aos infectados do que os Estados Unidos e muitos países europeus. Muitos sistemas de cuidados médicos foram rapidamente erguidos e se expandiu rapidamente a capacidade de teste e de cuidados para com os atingidos.

Além disso, vírus podem emanar de diversos pontos do globo, incluindo os Estados Unidos. Tem sido amplamente divulgado que a assim chamada "gripe espanhola", pandemia de 1918-1919, de fato, aconteceu primeiro nos Estados Unidos e não na Espanha.

*Diretor de Comunicação da Associação Nacional dos Enfermeiros dos EUA

tões, Sanders insiste em seguir levantando-as.

Esta perseverança nunca foi mais necessária do que neste momento crucial, com tantas vidas em jogo. "Onde está o poder na América", tem tudo a ver com o fato de que a resposta do governo dos EUA à catástrofe em andamento seguiu sendo tão anêmica, antevendo tantas mortes a mais e tanto luto.

É urgente a implementação de medidas fortemente abrangentes para conter a disseminação do coronavírus (na busca séria de contenção e não apenas nos contentando com o mero "achatamento da curva").

Ao mesmo tempo, são necessárias políticas que garantam que as seguradoras voltadas ao lucro e outros setores da corporativa América do Norte, não sairão desta crise beneficiadas em sua gênese de tal forma a causar miséria sem precedentes para vasto número de pessoas.

Um par de documentos lançados esta semana - "Plano de Combate ao Coronavírus e Preparação para as Futuras Ameaças Globais à Saúde", de Biden; e o denominado "Resposta Emergencial à Pandemia do Coronavírus", de Sanders - trazem grandes diferenças na abordagem da atual crise sem precedentes.

Biden propõe ajustar o sistema de saúde e ajudar somente alguns que sofrem tensões econômicas. Em agudo contraste, Sanders está propondo medidas de largo alcance que incluem o Medicare for All (Saúde para Todos), que "vai garantir que todos nos Estados Unidos, independente de cobertura com plano, possam receber o tratamento de Saúde que precisarem durante esta crise".

* Coordenador nacional da organização RootsAction. Leia mais em www.horadopovo.com.br

EUA: 75 milhões estão em quarentena em N. Iorque, Los Angeles, Chicago e Miami

Governadores nos EUA continuam tentando sanar a inércia e incúria do presidente Trump diante da pandemia da Covid-19, e Illinois e a Flórida se somaram à Califórnia e Nova Iorque decretando a ordem de "permanecer em casa", exceto para comprar alimentos ou remédios, ou para exercer função essencial.

Já são 75 milhões de pessoas sob 'distanciamento social' - ou 1 em cada 5 norte-americanos. A ordem de "permanecer em casa" já atinge boa parte das maiores cidades dos EUA: Nova Iorque, Los Angeles, Chicago, Miami e San Francisco.

"Não, isso não é a vida como sempre", disse o governador de Nova York, Andrew Cuomo, quando o número de mortos nos EUA superou os 200, com pelo menos 35 em seu estado. "Aceite e perceba e lide com isso", reiterou, diante da necessidade de evitar que o sistema hospitalar entre em colapso, como vem sendo visto em países da Europa onde a pandemia está no auge.

A medida foi tomada quando o New York Times registra que "um 'dilúvio' de casos come-

ça a atingir os hospitais de Nova Iorque". Já faltam aparelhos de ventilação nas UTIs e até máscaras começam a ser reutilizadas.

"Estamos prestes a entrar em uma nova maneira de viver aqui em Los Angeles", disse o prefeito Eric Garcetti enquanto a Califórnia entrava em confinamento. "O que fazemos e como fazemos, e se acertarmos, determinará quanto tempo durará essa crise", salientou.

CHICAGO

Em Illinois, cuja maior cidade é Chicago e tem 12,5 milhões de habitantes, a medida de contenção do coronavírus entrará em vigor para todas as empresas "não essenciais", sendo que bares, restaurantes e academias já estão fechados e foram proibidas reuniões de 50 ou mais pessoas. As aulas já estão suspensas desde o dia 13.

A decretação da quarentena foi anunciada pelo governador democrata, J.B. Pritzker na sexta-feira, quando já são 25 os condados atingidos, com cinco mortos e 585 casos de contágio. A.P. Leia matéria completa em www.horadopovo.com.br

Augusto Buonicore: Centro Popular de Cultura da UNE – crítica a uma crítica (2)

A luta de ideias no Brasil e as críticas ao CPCda UNE

AUGUSTO CÉSAR BUONICORE

Nos anos 1970 constituiu-se uma visão bastante crítica às experiências do movimento nacional, democrático e popular, hegemônico pelos comunistas e nacionalistas. Tudo, ou quase tudo, o que foi produzido nas décadas anteriores foi tachado de populista e autoritário. Nada escapou à devastadora onda crítica: ISEB, CPC, PCB, CGT etc. O principal núcleo irradiador desta crítica foi, sem dúvida, a Universidade de São Paulo (USP).

A respeito do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), afirmou a filósofa Maria Sylvia Carvalho Franco: “A distorção do idealismo, aliada a um empirismo vulgar tem, no interior do discurso do ISEB (...), a função de ratificar seu conservadorismo e seu autoritarismo: sustentam uma ideologia de classe com base na primazia da consciência dos que monopolizam o saber e o poder (o cientista, o filósofo, o industrial, o burocrata) cujas representações são qualificadas de autênticas e verdadeiras porque estariam refletindo a imagem do processo histórico e seus limites”.

Para a autora, mesmo quando os isebianos buscavam incorporar o marxismo em suas análises, seria com o objetivo de fortalecer os argumentos conservadores e autoritários presentes nas suas posições teóricas e políticas. Por isso, seria “preciso uma considerável paciência para atravessar a espessa camada de jargão filosófico, com mimetismo de conceitos que têm suas raízes na dialética e numa teoria revolucionária, para chegar ao conservadorismo e ao autoritarismo de Álvaro Vieira Pinto”. Aqui o preconceito contra um dos principais filósofos nacionalistas (de esquerda) brasileiros é evidente.

Assim, segundo ela, o ISEB estaria orientado “para montagem da dominação ideológica da burguesia ‘moderna’ e teria cumprido o “seu papel de legitimar o progresso econômico, convencendo o trabalhador a fazer de sua existência trabalho e só trabalho, fazendo-o crer que sua sujeição fosse liberdade, integrando-o ao capitalismo”.

Os Cadernos do Povo Brasileiro

Sobre a coleção *Cadernos do Povo Brasileiro*, publicada pela editora Civilização Brasileira sob direção de intelectuais ligados ao ISEB, afirmou a filósofa Marilena Chauí: “percebe-se que sua pedagogia é antes persuasão do que discussão e esclarecimento (...). Os autores não dizem explicitamente de onde e a partir do que estão falando, apresentando-se como se fossem portadores de uma fala universal cujas premissas são evidentes (...) cada um deles se enuncia como conclusão da verdade”. O povo brasileiro era apresentado pelos autores daquela instituição como “inconsciente, alienado, passivo, desorganizado, em suma, figura acabada da falsa consciência, carecendo por isso de uma vanguarda que o oriente e conduza. Essa imagem faz com que os autores se dirijam ao povo como dirigentes dele, uma vez que na definição de vanguarda todos são unânimes em incluir os intelectuais e, portanto, a si mesmos”.

Embora o alvo principal desses críticos fosse a produção teórico-política do ISEB, eles voltam as suas baterias também contra outra organização, considerada a filha caçula da ideologia isebiana (e pecebista): o Centro Popular de Cultura da UNE. Esta relação (ISEB-CPC) não era de todo equivocada, contudo mereceria ser relativizada.

A experiência do CPC, como lembrou o professor Renato



Ortiz, “estava teoricamente vinculada à filosofia isebiana, embora fosse uma radicalização à esquerda dessa perspectiva”. Isso levou que se alterasse o conteúdo de um dos conceitos centrais para o ISEB: o de alienação. Deslocando o ponto de referência de Hegel (no ISEB) para Marx e Lukács (no CPC). Tema que não trataremos aqui.

A maioria das críticas feitas se concentrou no documento escrito por Carlos Estevam Martins em 1962: **Anteprojeto de Manifesto do CPC**. O autor, na época, era um jovem sociólogo oriundo das fileiras do ISEB e que acabou sendo eleito o primeiro presidente do CPC. Para muitos, esta era uma prova cabal da íntima relação existente entre o ISEB e o CPC – dois lados de uma mesma moeda populista.

A respeito da articulação intelectual/povo, proposta naquele documento, afirmou Chauí: “para poder respeitar o povo, o artista do CPC não pode tomá-lo nem como parceiro político e cultural, nem como interlocutor igual: oscila, assim entre o desprezo pelo povo ‘fenomênico’ (que, no entanto, é descrito como o povo realmente existente) e a invenção do povo ‘essencial’, o herói do exército de libertação nacional e popular (que existe apenas na imaginação). Sem o fantasma do ‘bom povo’ por vir, o artista do CPC não teria sequer tido a lembrança de ‘ir ao povo’ e, sobretudo, de ‘optar por ser povo’”.

Novamente, ao se referir à opção cepecista pelo povo, escreveu: “Os artistas do CPC não optaram por aquilo que outros, cristãos, costumam chamar de ‘comunidade de destino’, isto é, a partilha da existência em comum numa prática construída em comum, tanto assim que a arte do povo é caracterizada pelo anonimato do artista. Optaram por ser vanguarda do povo, condutores, dirigentes, educadores (...). No fundo, o missionário do CPC quer ser individualizado sem o anonimato do artista do povo e sem a pasteurização do artista de massa. Como vanguarda, parece conseguir os dois intentos”. Em outro texto, ela afirmaria: “Esse iluminismo vanguardista e inconscientemente autoritário carrega em seu bojo uma concepção instrumental da cultura e do povo e uma de suas expressões lapidárias encontra-se no Manifesto do CPC, de 1962”.

Seguindo a trilha aberta por Chauí, afirmou Heloísa Buarque de Hollanda: “Ao reivindicar para o intelectual um lugar ao lado do povo, não apenas se fez paternalista, mas terminou (...) por escamotear as diferenças de classes, homogeneizando conceitualmente uma multiplicidade de contradições e interesses”. Continuou a autora: “A linguagem do intelectual trans-vestido em povo traiu-se pelos signos de exagero e pela regressão estilizada a formas de expressão provinciais ou arcaicas”.

Estes autores pagavam um pesado tributo ao tempo histórico no qual viviam, marcado pela negação radical das experiências passadas que, segundo eles, teriam sido responsáveis pela derrota política e moral dos trabalhadores no fatídico primeiro de abril de 1964. Era preciso começar do zero, abstraindo (ou subtraindo) a experiência comunista e trabalhista.

Vivíamos um período de acirrada disputa política (e ideológica) entre as novas correntes da esquerda, que vinham se projetando no cenário político nacional a partir da década de 1970, e a esquerda dita tradicional, notadamente o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). A “nova esquerda” ganhava maior impulso com as greves dos operários no ABC, passando a se organizar no Partido dos Trabalhadores (PT), considerado a expressão política mais autêntica da negação do populismo e burocratismo. “Nova Esquerda”, “novo sindicalismo”, “novos movimentos sociais” eram os termos em voga. Rejeição absoluta – portanto, não dialética – do passado do movimento operário e socialista brasileiro.



Outra das particularidades desta “nova esquerda” brasileira foi a subestimação, e mesmo negação, da chamada questão nacional, tão cara às organizações tributárias de certa tradição do movimento comunista internacional. As bandeiras nacionais, e anti-imperialistas, passaram a ser consideradas instrumentos a serviço da subordinação dos trabalhadores à ideologia política da burguesia, que procurava encobrir a contradição fundamental da sociedade capitalista: a contradição entre o operário e o burguês. Nessa perspectiva ficava também em segundo plano a chamada questão democrática, embora ainda vivêssemos sob uma ditadura militar.

As suas atenções recaíram, fundamentalmente, sobre a luta econômica dos trabalhadores. Esta considerada a verdadeira (e único) campo da luta de classes moderna. A nova esquerda tinha um forte viés autonomista e economicista, embora negasse isso e afirmasse combater tais concepções.

Outra noção contra a qual se batiam os seus porta-vozes – como vimos nas citações acima – era a de vanguarda, encarada como um verdadeiro “palavrão”. Tratava-se agora de re-valorizar o papel desempenhado pela ação espontânea das massas trabalhadoras até então sufocada pelas direções burocratizadas dos sindicatos oficiais e dos partidos da esquerda tradicional, estalinistas e social-democratas. A corrente autonomista ganhou relativa força no interior do PT. As suas teses (negação da vanguarda, valorização do espontaneísmo e antiteoricismo) encontraram guarida entre as jovens lideranças operárias. As ideias autonomistas, engendradas pelos intelectuais da “nova esquerda”, encontram, assim, os seus portadores materiais: o “novo” sindicalismo brasileiro.

Acreditado que somente agora, passadas várias décadas, é possível fazer um balanço mais equilibrado, menos apaixonado, dos difíceis e conturbados anos 1960 e das alternativas que a esquerda brasileira procurou construir. Especificamente, no que se refere às críticas da “nova esquerda” ao projeto cultural do CPC, podemos afirmar que o grande limite delas está no fato de ter tentado reduzir toda a experiência cepecista a um único documento: o Anteprojeto de Manifesto do CPC, redigido por Carlos Estevam Martins, que, como o próprio nome diz,

foi apenas um “anteprojeto”.

Os críticos, em geral, não analisaram outros textos importantes para uma melhor compreensão do que tenha sido o CPC-UNE, como o livro de Ferreira Gullar, **Cultura Posta em Questão**; o de Carlos Estevam Martins **A Questão da Cultura Popular**, do qual o Anteprojeto era apenas um apêndice; os prefácios da série **Violão de Rua** (especialmente o último), redigidos pelo poeta comunista Moacyr Félix; o texto **Do Arena ao CPC**, de Oduvaldo Vianna Filho.

A leitura do conjunto destes textos poderia demonstrar que não havia uma unidade, sem contradições, na compreensão do que deveria ser definido como “cultura popular” ou sobre quais os caminhos para a construção de um projeto de cultura nacional e popular no Brasil. Poderia demonstrar que o projeto cepecista era ele próprio perpassado de contradições, muitas delas engendradas pela própria prática cultural, intensa e rica, de seus integrantes.

As coisas tenderiam a se tornar ainda mais complexas quando estudados atentamente o conjunto da produção cepecista – teatro, poesia, cinema, música – e a ação dos jovens que compuseram os CPCs em todo o país. Feito isso, no final das contas, creio que uma das conclusões a que chegaríamos seria: foram os aspectos positivos (democráticos, populares e até revolucionários) que prevaleceram e são eles que deveriam ser resgatados pelas jovens gerações de artistas e intelectuais que ainda alimentam o velho sonho de ter um Brasil soberano e mais justo para o seu povo. Um Brasil socialista.

Um balanço autocrítico

Procuraremos agora apresentar o balanço autocrítico realizado pelos principais dirigentes do CPC da UNE e, especialmente, buscaremos apreender quais rumos estavam sendo implementados pela direção do CPC no momento final de sua atuação e que não se encontram sistematizados nos documentos ou artigos da época, mas na cabeça dos seus militantes.

A quase totalidade de seus antigos membros ressaltou os aspectos positivos do movimento, mas reconheceu os limites daquele projeto. Insuficiências que já começavam a ser percebidas no final de 1963. Em depoimento, Carlos Estevam Martins esclareceu: “O propósito inicial era (...) mudar de um público de classe média para um público popular. Encontramos aí várias dificuldades; tínhamos a ilusão na época de que poderíamos entrar facilmente em contato com o povo, mas a decepção foi terrível”.

A principal surpresa foi “a ausência do operário nos locais onde supúnhamos que ele deveria estar: os sindicatos. Montamos muitos espetáculos em sindicatos, mas não aparecia ninguém para assisti-los (...). A partir dessas decepções desenvolvemos aquilo que viria a ser chamado “Teatro de Rua” (Arte em Revista, 1980:67).

Martins negou que o CPC tivesse apenas levado mensagens prontas, autoritariamente,

de cima para baixo. O contato com a população levava-os a alterar os seus esquemas pré-concebidos de arte popular. Talvez o melhor exemplo disso fosse a experiência que ele chamou de teatro camponês: “Joel Barcelos (...) liderou a equipe que se locomovia para o Estado do Rio. Os primeiros espetáculos (...) foram fracassos lamentáveis (...). Diante disso, Joel teve a feliz inspiração de rejeitar os textos prontos e exteriores à realidade local, sugerindo que o grupo chegasse ao local de apresentação uns dias antes e se dedicasse a estudar os problemas e os tipos humanos mais característicos do local (...). Isso funcionou otimamente”.

Outros exemplos de valorização do popular, não apenas como expressão da alienação cultural, foram as descobertas e a divulgação, através das feiras litero-musicais, de vários compositores da música popular de raiz, como Zé Keti, Nelson Cavaquinho e Cartola. “Esses artistas eram desconhecidos e o CPC os descobriu nos morros, trazendo-os para as feiras”, disse Estevam Martins.

O CPC, diferentemente do MPC de Pernambuco, não era um organismo de Estado e nem necessitava de verbas públicas para sobreviver. O próprio público deveria manter o seu funcionamento. Continua o entrevistado: “o nosso público, que iria usufruir de nossa criação cultural, é que deveria pagar por ela, pois só assim tiraríamos, como de fato tiramos, o Estado da jogada e não ficaríamos, como os sindicatos, atrelados ao Estado pelo umbigo da dependência econômica”. Continua ele, “intuitivamente, ou, quem sabe, forçado pelas circunstâncias, o CPC constituiu-se como órgão da sociedade civil, foi criado e sustentado por ela o tempo todo”.

O primeiro presidente do CPC rebateu, categoricamente, a tese amplamente difundida de que o CPC teria sido autoritário e populista. “Que autoritarismo é esse que sai pelo país afiorando e apoiando o funcionamento de entidades congêneres, cada uma das quais seguindo seus próprios caminhos e fazendo o que bem entendia, de acordo com suas próprias concepções a respeito do trabalho de cultura popular? E que populismo é esse que fez tudo o que sabia num esforço penosíssimo para criar CPCs nas organizações de massa (...) que eram dirigidos e desenvolvidos pelos próprios trabalhadores?”.

Martins apontou onde estaria o problema central nas críticas ao trabalho cepecista: elas partiriam sempre da leitura e generalização de alguns poucos textos produzidos pelos intelectuais da instituição. Estes críticos acreditavam que compreendê-los seria o equivalente a compreender a história da própria organização que se desejava criticar. “Este método”, afirma, “parece muito precário, simplesmente porque a vida não é igual aos textos e, no caso daquelas instituições, das quais participei, a vida foi incrivelmente diferente dos textos”.

A extensa produção realizada em tão pouco tempo era fruto do entusiasmo daqueles jovens que acreditavam que

Foto: “A mais-valia vai acabar, seu Edgar”, de Oduvaldo Viana Filho, dirigida por Chico de Assis em 1960

a revolução brasileira batia às portas. “O CPC surge daí, decorrente da ideia de que era necessário aumentar as fileiras, politizando as pessoas a toque de caixa, para engrossar e enraizar o movimento pela transformação estrutural da sociedade brasileira”.

Assim, o artístico acabou sendo sacrificado no altar da agitação político-revolucionária. “Era preciso sacrificar o artístico? Claro que sim, porque as classes populares vão chegar ao poder logo, logo (...). A gente fazia uma peça com uma rapidez espantosa, peças que fizeram sucesso como o **Auto dos 99%** (...), fizemos em uma semana, cinco pessoas sentaram e fizeram o trabalho”. Esta tensão entre a priorização do artístico e a constituição de uma pedagogia política através da arte “percorreria toda história do CPC e teve momentos muito dramáticos”.

O CPC cometeu muitos erros, mas, em geral, os críticos contemporâneos não fizeram uma análise séria dessa experiência. Apenas expressaram uma vontade, ideologicamente fundada, de “cortar seus laços com o passado (...). As pessoas que começam a fazer política recentemente preferem tomar uma atitude infantil de ruptura absoluta com o passado, como se eles fossem fazer agora algo inteiramente novo, algo que nunca existiu na face da terra (...). Cada geração opera dentro de um determinado horizonte histórico. As pessoas acham que estão agindo corretamente quando sentem que estão pensando no limite, quando veem que não há ninguém fazendo mais ou melhor do que elas. Foi isso que aconteceu conosco. (...) Não havia ninguém propondo fazer outra coisa (...). O que é preciso entender é isso: nós estávamos atuando no limite do nosso tempo histórico”.

Outro fato que refutaria a acusação de que haveria uma relação autoritária dos artistas do CPC com o público é o de ter sido justamente estes que instituíram no país “a prática de jamais apresentar um espetáculo (...) sem que a apresentação (...) fosse sucedida por um debate com o público a respeito das ideias, informações e teses apresentadas aos espectadores. (...) O que acima de tudo nos interessava era que o público reagisse, falasse, criticasse, tomasse posições (...). Evidentemente nós levávamos ao público determinadas ideias e informações (...). Não vejo como chamar isso de paternalismo”.

“A nossa atuação ‘de cima para baixo’ (...) destinava-se a produzir ações de baixo para cima”. Ao povo caberia ser o agente principal das transformações sociais e não aos intelectuais. Outra das virtudes dos artistas do CPC é que nunca adotaram uma posição hipócrita em relação àqueles a quem se dirigia sua arte, “fazendo de conta” que não tinham suas próprias posições, que não apoiavam determinadas ideias ou concepções. Coisa comum na literatura e imprensa burguesa.

O poeta Ferreira Gullar, o terceiro presidente do CPC, em entrevista dada a Jalusa Barcellos, fez também o seu balanço crítico da produção cepecista, suas virtudes e seus defeitos. Gullar reconheceu que os membros do CPC já estavam em pleno processo de realização de uma autocrítica do trabalho realizado. Declarou ele: “quando veio o golpe, o CPC estava se reformulando. Certas posições que o CPC tinha adotado, como superestimar a questão ideológica em detrimento da qualidade artística, estavam sendo revistas. Na verdade, nós estávamos re-valorizando o trabalho artístico, tentando recuperar os padrões de qualidade”.

Continua no site